



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**AS FACES DA VIDA ITINERANTE NO CIRCO: LIVRO-REPORTAGEM
FOTOGRAFICO SOBRE AS VIVÊNCIAS E OS BASTIDORES DA ROTINA DE
ARTISTAS CIRCENSES**

André Milhomem Martins de Aquino

Brasília
2024



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**AS FACES DA VIDA ITINERANTE NO CIRCO:
LIVRO-REPORTAGEM FOTOGRÁFICO SOBRE AS VIVÊNCIAS E OS BASTIDORES
DA ROTINA DE ARTISTAS CIRCENSES**

André Milhomem Martins de Aquino

Projeto experimental final apresentado à banca examinadora do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Marcelo Feijó.

Brasília
2024

Memorial descritivo do projeto de desenvolvimento do livro-reportagem fotográfico “As
faces da vida itinerante no circo”

Projeto Experimental aprovado em ____/____/____ para obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Marcelo Feijó
Professor Orientador

Prof. Paulo Almeida
Membro Avaliador

Profa. Milena Marra
Membro Avaliador

Prof. Eduardo Bentes
Avaliador Suplente

Brasília
2024

AGRADECIMENTOS

À “Família Meu Maior Tesouro”, minha panelinha da faculdade desde o momento em que pisei na Universidade de Brasília. Eles que dividiram comigo os momentos mais marcantes da minha trajetória acadêmica, que me deram forças e nunca me deixaram desistir. Agradeço imensamente pela parceria, paciência e cumplicidade. Sem vocês, toda essa experiência não teria sido tão incrível.

À minha família por todo suporte, disponibilidade e cuidado. Minha eterna gratidão por me permitir vivenciar tudo o que a universidade pública tem a oferecer e por me apoiar nas minhas decisões. Vocês são a minha base.

À minha melhor amiga, Giulia, que esteve presente comigo em todos os momentos, me escutando, me apoiando e acreditando em mim mesmo quando nem eu acreditava. Cada palavra sua me fez mais forte.

Aos meus seguidores nas redes sociais, que mesmo de longe transbordam um amor incondicional e me enchem de alegria, carinho e palavras de afirmação. Sou eternamente grato por compartilhar a pluralidade de experiências que a universidade pública oferece e influenciar milhares de jovens a buscar estudos de qualidade.

Ao Circo Real Português, pela confiança do meu trabalho e receptividade. Muito obrigado por terem aceitado o convite. Levo cada história, cada piada e cada conversa no meu coração.

Aos meus professores de graduação com os quais venho, desde 2019, ampliando meus conhecimentos e fortalecendo meu amor pela comunicação. Cada ensinamento me tornou não somente um melhor profissional, mas também um melhor ser humano.

“A arte não reproduz o que vemos. Ela faz-nos ver”

Paul Klee

RESUMO

O presente projeto é um memorial descritivo que tem como objetivo lançar luz sobre as vivências de artistas circenses na realidade brasileira pós-pandemia, e compreender, de fato, a rotina deles dentro e fora dos palcos. Nesse sentido, busco apresentar aqui o processo de desenvolvimento do livro-reportagem fotográfico “As faces da vida itinerante no circo”, desde entrevistas com os personagens até às fotografias acerca da rotina dos artistas do Circo Real Português, situado em Brasília-DF. A ideia surgiu a partir do meu gosto pessoal pela arte circense e pela curiosidade e necessidade de trazer a público como é viver da arte sendo nômade e morando em um trailer. Essa ausência de relatos espelha a ignorância da sociedade tradicional frente a trabalhos informais, como ser palhaço. E apesar de existir uma base teórica de reportagens televisivas e matérias jornalísticas, o assunto ainda é pouco aprofundado. Por isso, disponho deste memorial para contar toda minha experiência em uma série de três dias que passei com os personagens, utilizando de conversas descontraídas, anotações e do fotojornalismo para retratar as atividades profissionais e domésticas do circo. E assim, espero que o trabalho sirva para que o tema ganhe visibilidade e desperte a valorização das práticas circenses no Brasil.

Palavras-chave: circo; vida no circo; livro-reportagem; fotojornalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
3. OBJETIVO GERAL.....	13
3.1. Objetivos específicos.....	14
4. JUSTIFICATIVA.....	14
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
6. METODOLOGIA.....	19
6.1. Pré-produção.....	20
6.2. Produção.....	23
6.3. Pós-produção.....	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM ELINALDO CONCEIÇÃO.....	37
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ISABELLA MOREIRA.....	39
APÊNDICE C - ENTREVISTA COM LETYCIA PORTUGAL.....	41
APÊNDICE D - ENTREVISTA COM IASMIN PORTUGAL.....	42
APÊNDICE E - ENTREVISTA COM JOICE PORTUGAL.....	43
APÊNDICE F - ENTREVISTA COM JULIANA PORTUGAL.....	46
APÊNDICE G - ENTREVISTA COM CLEIBE PORTUGAL.....	51
APÊNDICE H - ROTEIRO DO EPISÓDIO 1 - O QUE É O CIRCO?.....	56
APÊNDICE I - ROTEIRO DO EPISÓDIO 2 - POR QUE SER ARTISTA DE CIRCO?.....	64
APÊNDICE J - ROTEIRO DO EPISÓDIO 3 - COMO É A ROTINA DE UM ARTISTA CIRCENSE?.....	72
APÊNDICE K - ROTEIRO DO EPISÓDIO 4 - QUAIS SÃO OS DESAFIOS DE SER ARTISTA CIRCENSE NO BRASIL?.....	79

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	21
Figura 2.....	22
Figura 3.....	26
Figura 4.....	28
Figura 5.....	29
Figura 6.....	30
Figura 7.....	30
Figura 8.....	31
Figura 9.....	31
Figura 10.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	32
Tabela 2.....	37
Tabela 3.....	39
Tabela 4.....	41
Tabela 5.....	42
Tabela 6.....	43
Tabela 7.....	47
Tabela 8.....	52
Tabela 9.....	56
Tabela 10.....	63
Tabela 11.....	71
Tabela 12.....	78

1. INTRODUÇÃO

A arte circense se encontra espalhada nos mais diversos espectros da sociedade há mais de quatro mil anos. Seja com malabarismos nos semáforos, palhaços nas praças da cidade, apresentações de habilidades incomuns ou a presença de animais ferozes em festivais, tudo isso é circo. E foi assim que ele se originou no início da Idade Média. De acordo com o Diário da Manhã, “nasciam assim as famílias de saltimbancos, que viajavam de cidade em cidade para apresentar seus números cômicos, de pirofagia, malabarismo, dança e teatro.” (DIÁRIO DA MANHÃ, 2017)

No entanto, a justificativa de desenvolvimento deste trabalho parte exatamente do pressuposto de um conhecimento superficial e pouco debatido das vivências de comunidades circenses, de como eles vivem e sobrevivem da arte, por parte de pessoas que seguem carreiras tradicionais. Esse modo de viver nômade, dentro de um trailer, trabalhando e vivendo debaixo de uma lona é sinal de bastante curiosidade e gera diversos questionamentos. E é isso que o livro-reportagem fotográfico “As faces da vida itinerante no circo” pretende esclarecer.

Por isso, selecionei os artistas do circo Real Português para serem os protagonistas da pauta deste trabalho. Desenvolvemos uma reportagem fotojornalística, com entrevistas e acompanhamento desses personagens por três dias, para assim, exibir as atividades rotineiras de cada um deles, os desafios de trabalhar com a arte circense, as noites de espetáculo e festa, mas também os dias de ensaios e estudos.

Como objeto de cobertura, o enfoque contemplou a rotina de Juliana Portugal, Elinaldo Conceição, Letycia Portugal, Elaine del Sol Estrella, Iasmin Portugal, Wallace Rocha e Vilck Portugal. Todos são artistas da mesma família circense, que hoje se encontra nas regiões administrativas de Brasília (DF). A abordagem incluiu a função de cada um deles dentro do circo e um entendimento da rotina escolar das crianças em consonância com os ensaios das apresentações, além dos momentos de lazer e atividades domésticas.

O perfilamento dos integrantes foi feito por meio de uma apuração intimista, permeada por conversas informais e registros fotográficos. A metodologia se baseou em entrevistas em profundidade, a fim de conhecer de fato o personagem, suas emoções, desejos e dificuldades. O intuito principal foi deixar livre para que esses artistas vivessem da maneira que eles já estão acostumados e registrar sem nenhuma intervenção brusca.

Além disso, o fotojornalismo complementou as entrevistas com uma série de fotografias que foram tratadas e selecionadas com cautela para se relacionar em harmonia com os textos que foram escritos com base nas gravações das entrevistas. A produção e edição do texto também fizeram parte do planejamento deste trabalho, dispostas em datas específicas, assim como a diagramação do livro e todos os gastos necessários. Costa (2018, p. 2) afirma que “a partir da implantação de um planejamento estratégico faz-se necessário que o mesmo seja acompanhado, controlado e verificado. Caso note-se alguma inconformidade, deve ser corrigido ou adaptado frente à situação apresentada.”

E a palavra “adaptar” foi fundamental durante todo o processo de construção do livro. Muitas vezes, o roteiro se perdia na imersão da experiência. Novas possibilidades surgiam. Situações do cotidiano abriam portas para outras abordagens. Foi assim que a vasta quantidade de informações retiradas das entrevistas levou ao surgimento do podcast “Por trás do picadeiro”, disponível no Spotify e com o código de acesso na penúltima página do fotolivre “As faces da vida itinerante”.

Encontrei nas sonoras a necessidade de o público escutar as emoções, os sentimentos e as intenções de cada fala dos artistas do Circo Real Português. Aquilo que, às vezes, por palavras não se compreende com toda clareza.

O podcast conta com quatro episódios, dividido pelos seguintes temas:

1. O que é o circo?
2. Por que ser artista de circo?
3. Como é a rotina de um artista circense?
4. Quais são os desafios de ser artista circense no Brasil?

Sobre isso, é possível afirmar que a comunicação por áudio voltou a crescer desde a pandemia da Covid-19 e hoje conta como uma popular ferramenta de acesso à informação. Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), o Brasil é o terceiro maior consumidor de podcasts no mundo, com mais de 30 milhões de ouvintes (ETAIN, 2024). Quando usado no contexto educacional, o podcast tem potencial para disponibilizar materiais didáticos completos como aulas, documentários e informações em formato de áudio que podem ser ouvidos pelos alunos a qualquer momento do dia e em qualquer dimensão do espaço geográfico (CASTRO et al., 2014).

Mas os circos não estão somente nos podcasts e nas fotografias. A curiosidade sobre famílias circenses fez com que diversos autores criassem reportagens na televisão e matérias on-line com a temática “vida no circo”. É possível encontrar alguns exemplos de conteúdos que abordam não somente a rotina desses artistas, mas também outros assuntos nos quais

eles estão inseridos. Motivos de encantamento, tradições hereditárias, desvalorização governamental e disputa com outros meios de entretenimento e diversão são pautas de discussão para as famílias circenses frente à sociedade brasileira, por exemplo.

Aliás, hoje em dia com a ascensão das redes sociais e democratização para a criação de conteúdo digital, aumentou-se a presença de material didático que relata a vivência no circo pelas próprias pessoas que vivem no circo e decidem compartilhar essa realidade em aplicativos como o TikTok. É o caso da acrobata e bambolista Mari Robattini, de 19 anos, que grava vídeos para a internet mostrando como é trabalhar com arte circense. É o momento em que qualquer pessoa pode se tornar referência em determinado assunto através dos seus próprios conteúdos na internet. Por isso, Gillmor (2004) explica que com a chegada da internet e a disponibilização de ferramentas de publicação, a história passa a ser escrita por aqueles que previamente faziam parte da audiência.

No entanto, ao mesmo tempo, conteúdos amadores carecem de responsabilidade jornalística e informações de qualidade, e é nesse contexto que se instaura, mais uma vez, a importância da produção do livro-reportagem que se completa com entrevistas aprofundadas, fotografias reais e textos que exploram a narrativa descritiva da informação.

Não somente livros-reportagens, mas a base teórica utilizada para o presente trabalho também abrange artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e matérias jornalísticas. O tópico “referencial teórico” ajuda no que diz respeito ao formato que eu pretendi utilizar, tomando principalmente como inspiração outros trabalhos de fotolivros já realizados. Usei também matérias jornalísticas para desenvolver o tema, que exploram as temáticas e problemáticas no qual o circo está inserido. Por fim, também contei com artigos para concretizar a relevância do tema, em âmbitos sociais e culturais, dentro da sociedade atual. Afinal, é como Coelho e Minatel explicam:

O circo é um objeto social que tem um valor historicamente construído e que, a todo tempo, busca uma identidade frente às mais diversas pressões sociais. Atualmente passa por momentos de crise e reestruturação, impedindo-nos de saber o que realmente é o circo hoje. (COELHO E MINATEL, 2011, p. 2).

Para a concretização deste trabalho, foi necessário definir uma série de objetivos específicos a fim de serem seguidos e tornar real o livro-reportagem fotográfico, que é o foco do projeto. Cada passo desenvolvido durante a pré-produção, produção e pós-produção envolve um desses objetivos, como por exemplo, a entrevista com os personagens, a decupagem das gravações, a escrita e a edição do texto, o tratamento das imagens e a

diagramação do livro. Foram pontos fundamentais que funcionaram como uma check list para manter em ordem a produção e o desenvolvimento do produto.

Por fim, os dois objetivos com a realização do projeto são: a produção de um livro-reportagem fotográfico físico de 49 páginas, que contemple o tema com imagens descritivas e textos de apoio, e a versão digital para distribuição e compartilhamento online.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Como são as vivências e os bastidores da rotina de um artista circense dentro e fora do palco, antes e depois de entrar de baixo dos holofotes? Quais são as dores, angústias e dificuldades daqueles que vivem da arte no Brasil? No meio disso tudo, como ficam os anseios e satisfações de artistas que carregam com orgulho o legado de uma família circense?

Questiona-se a ausência dos artistas de circo como cidadãos inseridos em comunidades, cuja suas funções extrapolam seus talentos artísticos. Eles parecem tão presentes, mas ao mesmo tempo tão distantes. Na realidade, o questionamento é: o que se sabe dessas pessoas além do que elas fazem nas noites de apresentação? Como conhecer, de fato, a vida real e os bastidores da vida circense?

Quais e quantas são as faces em que um trabalhador de circo precisa se desdobrar para lidar com o público, manter a herança familiar, cuidar da família, cumprir com as metas e objetivos, ensaiar e fazer o circo funcionar? Porque, além de tudo, entende-se que o circo é um difusor cultural e faz parte da socialização.

[O circo] deve ser entendido como um complexo modo de organização do trabalho, de produção do espetáculo ou número de habilidade (acrobacia, malabarismo, equilibrista etc.), de forma individual ou coletiva, itinerante ou fixa que implica em processo de formação/socialização/aprendizagem no tempo e no espaço em contato com a sociedade, sendo os homens e mulheres circenses sujeitos de direitos e a atividade circense é um dos produtores de cultura que mais difunde e faz fruir a cultura. Compreendido esse conceito, aí sim podemos usar a denominação CIRCO. (BUCHINIANI, 2005, p.12).

3. OBJETIVO GERAL

Produção de um livro-reportagem fotográfico que conte, por meio de entrevistas e fotografias, a rotina e os bastidores da vida dos artistas da família circense Portugal, do Circo Real Português, no ano de 2022. O intuito do produto é revelar à sociedade tradicional as vivências dessa comunidade e compreender mais sobre os seus desafios e hábitos.

3.1. Objetivos específicos

Tendo em vista o objetivo geral do projeto, o processo de produção do livro-reportagem foi orientado pelas seguintes **metas e objetivos específicos**:

- a) Levantar dados e apurar informações sobre o circo em questão (Circo Real Português) e os artistas que vivem nele;
- b) Colher depoimentos de cada ator selecionado, através de entrevistas em profundidade para participar do projeto;
- c) Acompanhar as atividades do dia a dia de cada artista e buscar compreender os sentimentos e as emoções deles a partir de conversas informais;
- d) Investigar e relatar a rotina escolar e as tarefas domésticas realizadas no motorhome durante a semana. Nesse ponto, é importante ressaltar como ocorre a divisão dos afazeres entre eles e curiosidades sobre a água encanada, por exemplo;
- e) Mostrar os desafios enfrentados pela pandemia da Covid-19 e o fechamento do circo durante os anos de 2020 e 2021;
- f) Fotografar os artistas em dia de apresentação e as múltiplas funções que eles exercem no mesmo dia;
- g) Selecionar e editar as fotos que melhor se encaixam e descrevem as ações dos personagens;
- h) Decupar as entrevistas, e assim, escrever o texto com base nas informações encontradas;
- i) Criar os roteiros para os episódios do podcast, com base em todas as informações apreendidas durante os dias de apuração;
- j) Gravação de sonoras;
- k) Edição de todo o material sonoro pelo programa Adobe Premiere e finalização do podcast;
- l) Diagramar o livro com as fotos e os textos selecionados.

4. JUSTIFICATIVA

O tema abordado mostra-se relevante para o campo jornalístico a partir do momento que alinha uma reportagem a um ensaio fotojornalístico e a um podcast sobre a vida no circo. Há a presença de entrevistados e o acompanhamento com esses personagens durante dias, para assim, apurar todas as informações e ser capaz de redigir com clareza o que, de fato, aconteceu.

A magia do circo encanta inúmeras pessoas, os números dos espetáculos surpreendem os espectadores e a diversão gerada é sinal de êxtase para aqueles que presenciam o show. No entanto, a realidade desses artistas é pouco conhecida, e na verdade, fator de grande curiosidade. Eles seguem uma rotina diferente da grande maioria dos trabalhadores da sociedade e despertam dúvidas em relação ao seu modo de viver. Afinal, quando você era criança, provavelmente não teve que mudar de colégio dez vezes em um ano. Típico fato que para jovens circenses é comum durante o período escolar.

O ineditismo do tema no campo jornalístico em formato de fotojornalismo e de podcast é um dos grandes motivos deste trabalho para abordar e compreender a vida dessas pessoas da maneira mais completa. Existem matérias e reportagens sobre famílias circenses, mas poucas são firmadas em registros fotográficos e conversas intimistas, como ocorre no livro-reportagem fotográfico “As faces da vida itinerante no circo”.

Além disso, desde a regulamentação da Lei 4.787/13, que entrou em vigor em 17 de janeiro de 2013, proibiu-se a utilização de animais silvestres e domésticos no picadeiro. O circo passou a competir ainda mais com as atrações da televisão, onde as clássicas apresentações circenses já não eram mais o foco da criançada, mas sim os palhaços Patati Patatá, já vistos na TV, por exemplo. O ânimo dos pequenos começa a contrastar com a preocupação dos donos de circo, que buscam se adaptar e sobreviver a essa nova era.

Portanto, o projeto aqui desenvolvido também tem como motivação a retomada da valorização dos espetáculos circenses como forma de entretenimento, além de trazer um recorte dos desafios de ser artista de circo em meio ao surgimento de tantas novas possibilidades de diversão, como as redes sociais e as plataformas de *streaming*.

Ou seja, diversos assuntos de cunho social e cultural podem ser abordados ao retratar essa modalidade artística. Assuntos que influenciam na percepção de entretenimento de crianças e adolescentes, na mudança de consumo cultural e artístico, na intervenção dos meios digitais e em novas leis de cuidado aos animais, por exemplo.

Além disso, o tema sempre foi de grande interesse para mim, por estar envolvido no meio artístico desde pequeno, já ter frequentado aulas de circo e por realizar práticas artísticas há mais de dez anos, como teatro e dança.

No entanto, foi em 2019, com a disciplina Oficina Básica de Audiovisual, do Departamento de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (Fac-UnB), que esse desejo aumentou. Eu tive a oportunidade de gravar um curta-documentário sobre a vida de artistas circenses em Brasília e, desde então, o tema se tornou um grande objeto de estudo e paixão.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

As experiências vinculadas às atividades circenses são objetos de estudo há muito tempo e se dispersam em diferentes modalidades de abordagem. Não é de hoje que se notam filmes, documentários, desenhos animados, séries e quadrinhos sobre o circo. No entanto, serão apresentados aqui apenas os trabalhos realizados em livro-reportagem e/ou fotolivros, com o objetivo de aproximar da linguagem do meu produto.

No trabalho de conclusão de curso “Homem na estrada: fotodocumentação da vida após as grades”, Pedroso comenta a importância da aproximação das fontes ao realizar uma reportagem. O quanto o jornalismo, em certos casos, deve ser intimista o suficiente para adentrar à realidade afetiva dos personagens, e assim, tratar com destreza os mínimos detalhes sobre o tema. Conforme Pedroso et al (2019),

Há muitas formas de se contar uma história. Pode-se assumir o papel de observador, coletando tudo que for necessário para transmitir de uma forma neutra e distante. O jornalismo tradicional costuma ter esse tipo de abordagem. Impessoal, frio, cinza. Funciona para o jornalismo diário. Mas para contar uma história que toque, que sensibilize, é necessário ir além. (PEDROSO et. al, 2019, p. 50).

Eliane Brum, documentarista brasileira de grande influência para o desenvolvimento deste trabalho, em sua obra “O Olho da Rua” (2017), revela dez grandes reportagens feitas na primeira década do século 21, em que reúne não somente a história sobre determinado tema, mas também seu relato de vivência pessoal até chegar aos fatos e entrevistar as pessoas (os bastidores, dilemas e descobertas de ser repórter).

Ela de fato passava dias com os personagens apresentados nas reportagens, entendia suas dores e frustrações, conhecia a família e amigos próximos, para retratar da maneira mais fiel possível a realidade alheia. Portanto, Eliane foi um dos grandes expoentes para me motivar como repórter e escritor deste trabalho.

Além das fotografias, o livro também conta com textos de perfilamento que buscam abordar de forma mais aprofundada a vida dos personagens presentes na história. Para isso, além das sessões de visita fotográfica, também foram feitas entrevistas em profundidade com os protagonistas, seus familiares e pessoas próximas. Saber registrar e conversar com essas pessoas para que contem sobre suas origens, seu passado, suas dores e seus medos é sinônimo de apurar o que passa despercebido pelo olhar da maioria. O diálogo ajuda revelar e desvendar situações que muitas vezes os próprios documentos escondem. “É preciso entender os gestos, a entonação da voz e principalmente os silêncios. Quando há a opção de não falar é preciso investigar, pois o silêncio é tão revelador quanto um discurso bem organizado.” (CHRIST E JÚNIOR, 2014, p. 2)

Um fotolivro é uma publicação que combina fotografias com textos, geralmente organizada de forma a contar uma história ou explorar um tema específico. No livro *The Photobook: A History*, Parr e Badger (2004, p. 178) reiteram essa ideia e enfatizam a importância do design e da narrativa visual presente nesse formato de conteúdo.

Além disso, o fotolivro corresponde a uma experiência sensorial intensa, a partir do momento que introduz fotografias e textos para o entendimento do leitor. É um produto utilizado para reportagens e adentra o mundo jornalístico com análises de perfil, entrevistas e apuração de fatos.

Pensando nisso, Fabbi (2019) desenvolveu a dissertação “Fotolivro enquanto projeto de design: análise da forma e desenvolvimento de um fotolivro autoral”. Ao passo de criar seu próprio fotolivro, partiu de análises sobre o surgimento e a história desse aparato e também de diversos estudos de casos sobre outros fotolivros. Nos resultados da dissertação, Fabbi (2019) avalia a importância do fotolivro como objeto comunicacional fundamentado em imagens e, às vezes, textos. “É um livro em que as imagens protagonizam a comunicação da mensagem, e onde as fotografias não são consideradas individualmente, mas umas em relação às outras.” (FABBI, 2019, p. 6)

Além do mais, o fotojornalismo é um dos pontos fortes presentes no trabalho. Dispostas em páginas, as fotografias são o carro-chefe do livro-reportagem, uma vez que carregam maior fidelidade dos fatos ao leitor. Por meio delas confirmamos o que estamos dizendo na matéria e asseguramos maior veracidade da informação. É o que diz também o estudo de Sousa (2002, p. 5): “A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.” Até porque, o fotojornalismo é uma prática que visa documentar e narrar eventos de interesse público

através de imagens, enfatizando a responsabilidade ética do fotógrafo em representar a verdade, como afirma Owens (1978).

Ainda assim, durante o processo de apuração, o universo circense se converteu em uma realidade tão vasta que uma nova linguagem de comunicação foi introduzida ao projeto: o podcast. No livro *Podcasting for Teachers* (2007), Kathleen King e Mark Gura discutem o uso de podcasts como ferramenta educacional, abordando como eles podem complementar o aprendizado formal. Dessa forma, entende-se que a sua inclusão veio para somar e trazer para o público uma imersão multimídia: fotos, textos, e agora, o som.

No livro “Comunicação e Jornalismo: A Saga dos Cães Perdidos”, Ciro Marcondes Filho (2002) aborda a importância do som e a relação com a comunicação de maneira implícita, destacando que a comunicação não se limita ao verbal, mas envolve uma multiplicidade de sentidos e experiências, incluindo o sonoro. O autor discute a profundidade da conexão humana com o ambiente ao redor, que inclui os sons e como eles moldam a nossa percepção da realidade e das mensagens transmitidas, refletindo sobre como o jornalismo e a comunicação moderna muitas vezes negligenciam a riqueza desse elemento.

Ao que diz respeito à abordagem do tema, voltado para o âmbito cultural e social em que o circo está associado, são outros os estudos utilizados. Opção de entretenimento, ascensão das redes sociais e novas modalidades virtuais de diversão, valorização governamental e leis de cuidado aos animais são algumas das pautas referentes à presença do circo dentro da sociedade.

Em 2022, a jornalista Nathalia Silva publicou a matéria “Circo e sua importância para a sociedade”, que contempla a função social que o circo oferece e deixou de oferecer durante a pandemia da Covid-19. Diretamente aliado a valores humanos, o circo e a arte, no geral, são capazes de despertar os mais diversos sentimentos do público, tirar de um lugar de tristeza, desesperança, de sofrimento, de morte e levá-lo a um lugar de alegria e descontração.

É uma troca mútua entre artista e plateia, em que ambos compartilham energias e emoções. Ainda nesta matéria jornalística, Nathalia explica como as atividades coletivas de entretenimento se limitaram no ano de 2020, com a pandemia da Covid-19. “Setor cultural foi um dos primeiros a sentir o impacto da pandemia. Cinemas, teatros, casas de shows, circos e espaços voltados para a arte ficaram impossibilitados de reunirem público.” (SILVA, 2022)

Por fim, a presença do circo interfere na cultura educacional, tecnológica e intelectual, principalmente de crianças e adolescentes. É uma forma de manifestação cultural que dribla o surgimento dos novos aparelhos eletrônicos. Além do mais, oferece aulas de práticas circenses para toda a sociedade, possibilitando cada vez mais uma maior formalização do

trabalho. Isto é, assim como os fatores influenciam o circo, ele também dita regras e influencia a comunidade.

Em, “Cultura Circense, corpo e suas relações com o capitalismo”, Caramês e Silva (2011) explicam como o mundo circense acabou dividido em razão das transformações da sociedade do consumo. Hoje em dia, por exemplo, as crianças recorrem muito mais a outras formas de entretenimento e lazer, como videogames e internet, do que o circo. “Isso mostra que as pessoas estão mais relacionadas às questões das mídias, onde a referência principal é a imagem do que as maneiras de se expressarem corporalmente.” (CARAMÊS E SILVA, 2011)

Dentro dessa perspectiva, ainda é incluído um pensamento dos mesmos autores, que diz respeito às dificuldades burocráticas que os circos sofrem com as cidades e que consequentemente, representam uma abordagem social que dificulta o pleno funcionamento dele.

Por exemplo, ao chegarem em determinadas cidades, há exigências feitas pela prefeitura, vigilância sanitária e bombeiros que atrasam o exercício do circo, sem contar com a falta de incentivo. No mesmo artigo “Cultura circense, corpo e suas relações com o capitalismo”, Caramês e Silva (2011) reforçam a necessidade dos artistas de utilizarem os próprios meios midiáticos para divulgar o funcionamento do circo, devido à falta de compromisso das prefeituras de cada cidade com o entretenimento local.

6. METODOLOGIA

Para tratar com profundidade as histórias de cada personagem que foram abordadas no livro-reportagem fotográfico, foi necessário ter um cuidado prévio antes mesmo de conhecê-los pessoalmente.

Portanto, a pesquisa exploratória qualitativa tornou-se um método de apuração efetivo, uma vez que “a característica mais importante dessa pesquisa é a necessidade de se conhecer um fato ou fenômeno ainda pouco conhecido na ciência” (ACADÊMICA, 2020). Além disso, a utilização de entrevistas em profundidade com os artistas revelou um método de investigação bastante completo para o que diz respeito ao objetivo do projeto: conhecer e investigar a história dos personagens.

Por fim, após a realização das entrevistas e recolhimento das informações, foi possível realizar a confecção do livro-reportagem fotográfico e seguir para as etapas de projeto editorial e gráfico dos materiais impresso e digital.

A fim de ter um entendimento mais completo e cronológico de todo o processo de desenvolvimento do projeto de conclusão de curso, separei as etapas de criação do produto em pré-produção, produção e pós-produção.

6.1. Pré-produção

O primeiro contato com a comunidade circense participante deste trabalho partiu do básico: buscas na internet, bibliografias, matérias, documentos, jornais de entretenimento da região e do próprio “boca a boca”. Foi necessário ter uma apuração de informações sobre quem era o Circo Real Português e toda a sua história, para posteriormente embasar a minha entrevista. Foi nesse primeiro momento, que ao conhecer o assunto, entendi a abordagem que utilizaria e concentrei o olhar crítico para um enfoque singular acerca do objetivo do trabalho. Tanto é que para Gil (2017, p. 41) essas pesquisas visam “o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.”

No dia 16 de agosto de 2022, tive a primeira interação com os membros do circo. Ainda virtualmente, utilizei o Instagram como ferramenta de contato para me apresentar e sugerir o convite de participação no meu trabalho.

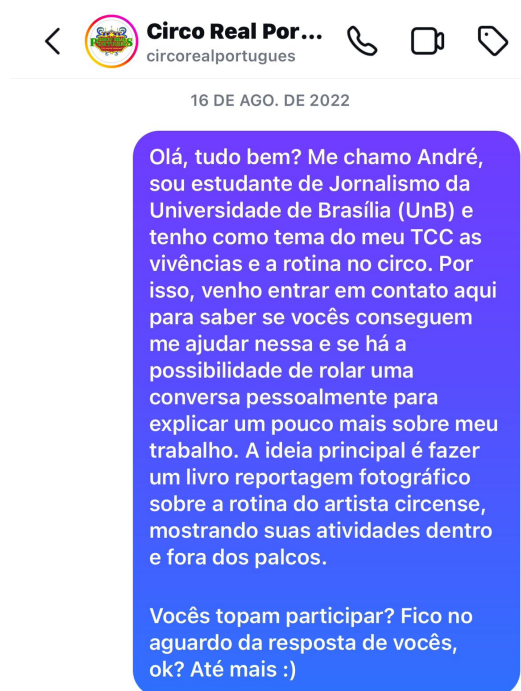


Figura 1 - Captura de tela do primeiro contato com o circo

Na mesma semana, no dia 19 de agosto de 2022, visitei o Circo Real Português pela primeira vez. Nessa época, ele estava situado no Recanto das Emas, uma das regiões administrativas do Distrito Federal.



Figura 2 - Primeira ida ao Circó Real Português

A primeira conversa foi realizada com a bailarina Juliana Portugal, filha de Cleibe Portugal, um dos donos do circo. Aqui, a intenção não era somente apresentar a proposta do trabalho, mas também gerar confiança e criar vínculos que a longo prazo seria essencial para colher as falas e sentimentos mais puros dos entrevistados. A partir de conversas informais, o objetivo desse momento era expor um interesse sincero em compartilhar ao mundo as vivências e as histórias de quem vive e trabalha no circo. Foi possível perceber que, diante de um cenário pós-pandemia, o que muitos artistas queriam fazer era apenas desabafar e serem escutados.

Dentro do jornalismo, o processo de abordagem com os personagens da história sempre deve ser feito de maneira muito cautelosa e sensível. Como a autora e editora do *The New Ethics of Journalism: Principles for the 21st Century*, McBride (2013) argumenta que os jornalistas devem equilibrar a busca pela verdade com a consideração pelo bem-estar dos personagens, especialmente em histórias sensíveis ou envolvendo questões relacionadas a vulnerabilidades sociais.

Assim foi feito. Busquei estabelecer um contato profissional e empático, respeitando os limites da entrevistada e entendendo os pontos que, de fato, eu poderia abordar no livro-reportagem. O primeiro bate-papo foi essencial para conduzir a

abordagem do trabalho, compreender a linguagem que seria utilizada e analisar os momentos de cobertura fotográfica mais adequados.

Por fim, após realmente conhecer um pouco mais sobre o circo e a forma que eu trabalharia com eles, chegou o momento de buscar referências. Passei a pesquisar e consumir diferentes tipos de fotolivros sobre os mais diversos temas. É essencial se submergir em estéticas e estilos variados para construir o seu próprio modo de criação.

6.2. Produção

Após contatar o circo pelas redes sociais, iniciar o processo de apresentação da proposta do trabalho e desenvolver a etapa de pré-produção, foi hora de iniciar, de fato, a produção do livro-reportagem.

Com as datas selecionadas previamente com os artistas, chegou o momento de adentrar na realidade do circo de lona por três dias. Os dias 15, 16 e 17 de dezembro de 2022 se tornaram um verdadeiro cenário para entender como os integrantes de uma trupe vivem em seus trailers e trabalham no circo. Foi uma imersão completa, da manhã até à noite, acompanhando as diversas atividades dessas pessoas em diferentes dias.

Nesse sentido, como a reportagem foi interpretativa, a etapa de produção envolveu a realização de entrevistas com os artistas, que foram feitas presencialmente com o gravador do celular, posteriormente decupadas e escritas como breves descrições das fotografias dispostas no livro.

A escolha desse método deve-se ao potencial que as entrevistas possuem para apurar informações. Como bem explica Christ e Júnior (2014, p. 2), a entrevista “[...] ajuda revelar e desvendar situações que muitas vezes os próprios documentos escondem. Por isso, a fala do entrevistado deve ser entendida como necessária para a boa apuração jornalística.”

Além disso, o jornalista Lage (2004) tipifica as entrevistas de acordo com os objetivos e as circunstâncias. Quanto aos objetivos: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. A que mais se adequou à proposta do livro-reportagem foi a última, pois o objetivo era contar a história dos personagens a partir de seus depoimentos e impressões.

Esse é o momento ideal para se conectar com a realidade alheia e se esforçar ao máximo para compreender as vivências, sentimentos, falas, gestos e omissões dos personagens. Para Schwaab (2021), essa modalidade de trabalho requer uma escuta refinada, afinal, os próprios personagens são a razão da conversa, uma vez que é necessário entender as vivências pessoais e os pensamentos que eles compartilham. Sendo assim, o intuito era desvendar o que eles sentem ensaiando os números de apresentação, morando em um trailer, frequentando inúmeras escolas por ano e outras várias atividades rotineiras de quem vive no circo.

Ao mesmo tempo, foi realizada uma série de registros fotográficos ao decorrer dos dias de acompanhamento dessa família. Transformar ações em momentos congelados em fotografias, uma vez que a imagem é um importante meio de reproduzir a realidade. Sontag completa o sentido da interferência imagética dentro de nossas percepções quando afirma que:

Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens. (SONTAG, 2005, p. 13).

Utilizei uma câmera Canon T7 e lente 18-55mm para registrar o dia a dia da vida no circo, com o objetivo de trazer informações visuais para os leitores. Segundo Sousa (2002, p. 5), “a fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.”

Sobretudo, é fundamental destacar a importância da presença *in loco* do repórter ao retratar os acontecimentos. Gay Talese, um dos expoentes do *New Journalism*, em obras como *Frank Sinatra Has a Cold* (1966), demonstra a importância das entrevistas e observações em campo para capturar a essência de uma história, ressaltando como a presença física do jornalista pode fornecer uma profundidade que não seria possível por outros meios. Por isso, reitero que o livro-reportagem fotográfico “A vida itinerante no circo” não é um simples apanhado de informações, mas sim parte da minha experiência e leitura de como é conviver por dias com várias pessoas em um circo de lona.

O sentimento da cobertura *in loco* também perpassa pela necessidade de não alterar (ou pelo menos tentar) a situação como ela é. Durante a apuração, tentei

interferir o menos possível na rotina dos personagens para registrar os acontecimentos. Ou seja, retratar o dia a dia, como acontece habitualmente, da maneira mais fiel possível. Por isso, não houve a criação de um roteiro para a realização das fotos. Tudo o que foi registrado visualmente decorreu da realidade mais pura e espontânea dos personagens.

No que diz respeito às informações mais gerais sobre o circo, como a história de surgimento, os números de apresentações, os participantes da trupe, a importância e as dificuldades, foi necessário ter um roteiro de entrevista semiestruturado. Esse roteiro me ajudou a construir e contextualizar ao público informações básicas sobre o que é o Circo Real Português. Tais perguntas foram feitas logo no primeiro dia de apuração, a fim de ajudar a me inteirar por completo sobre o assunto e não interferir tanto nas atividades rotineiras dos personagens.

Porém, além disso, durante os dias de produção, surgiam assuntos tão interessantes a partir de conversas informais entre os artistas, que eu me sentia na obrigação de entender um pouco mais sobre a visão e a opinião deles. Então, escrevia rapidamente algumas perguntas no bloco de notas do celular enquanto a conversa acontecia e assim que o papo se encerrava, perguntava. Não era necessário muito esforço, porque uma simples pergunta já era o suficiente para eles desabafarem, criticarem e colocarem para fora o que muitas vezes estava guardado há bastante tempo.

Foi aí que eu percebi que existia muita informação relevante que fugia até dos meus próprios objetivos iniciais. Sendo assim, em paralelo com a matéria de Rádio 2¹, ministrada pelo professor Carlos Eduardo Esch na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), decidi unir o útil ao agradável.

Em meio ao universo circense no qual eu estava inserido, colocar no livro-reportagem fotográfico a enxurrada de ideias e pensamentos que chegavam até mim já não era o suficiente. Eu sentia que precisava de um espaço maior para dar mais visibilidade aos artistas que eu entrevistava. As linhas de uma página eram curtas demais para retratar vivências tão grandiosas.

Como resultado, criei o podcast “Por trás do picadeiro”, disponível no Spotify através do seguinte link:
<https://open.spotify.com/show/2KyvO3RZtjFXFnhbcKODdy?si=r1Y025LySjqhaAjoZ>

¹ Disciplina do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB) voltada para produção de reportagens jornalísticas em áudio.

yZxcQ. Em 4 episódios, explorei diferentes temas de como é viver e trabalhar no circo.

- Episódio 1: O que é o circo?
- Episódio 2: Por que ser artista de circo?
- Episódio 3: Como é a rotina de um artista circense?
- Episódio 4: Quais são os desafios de ser artista circense no Brasil?

O podcast entrou de maneira despretensiosa no desenvolvimento do trabalho, mas garantiu um entendimento mais profundo e imersivo da realidade circense. O livro “A vida itinerante no circo” se tornou um produto multimidiático, a partir do momento que reuniu diferentes linguagens para comunicar um assunto: foto, texto e áudio. Ou seja, as entrevistas que antes me ajudariam apenas para escrever as descrições das fotos se tornaram grandes reportagens em áudio.

Enquanto no primeiro dia de apuração foquei em entrevistas mais profundas, os dias seguintes se concentraram em registros fotográficos antes, durante e depois dos espetáculos. Sexta-feira, dia 16 de dezembro, a agenda de apresentações do Circo Real Português foi aberta e dessa vez ele recebeu o público na cidade de Ceilândia, no Distrito Federal.



Figura 3 - Dia de espetáculo

A cobertura fotográfica do evento foi feita se atentando às diferentes atividades que ocorrem num circo simultaneamente durante o espetáculo. Tendo em vista o foco em fotojornalismo, a minha ideia era registrar os bastidores desses processos, ou seja, aquilo que geralmente as pessoas não veem. O que acontece atrás das cortinas? Quem está na bilheteria? Quem são os responsáveis pelos lanches na praça de alimentação? Eu pretendia responder com fotos essas e várias outras perguntas.

Apesar da correria, todo o processo de apuração foi extremamente divertido e curioso. Para os amantes da arte circense, como eu, foi um momento de brilho nos olhos do começo ao fim. Toda a equipe do Circo Real Português foi bastante receptiva e me ajudou no que precisava. Voltei para casa cheio de histórias para contar e com uma visão ainda mais mágica do que o circo representa.

6.3. Pós-produção

Por fim, a etapa da pós-produção envolveu em primeiro lugar a seleção e o tratamento das fotos utilizadas. Após dias registrando inúmeros cliques, é comum que haja uma curadoria das fotos que mais fazem sentido para o desenrolar da narrativa e melhor contribuem para o entendimento do tema. Foram mais de 300 cliques durante os três dias de produção, sendo que apenas 41 fotos foram selecionadas para a diagramação.

Apesar do fotojornalismo preservar, na maioria das suas vezes, o teor natural da cena, é imprescindível o tratamento de cores, luzes, sombras e outros instrumentos de edição pós-seleção. Souza (2021, p. 16) reitera que “depois de clicadas, as imagens comumente recebem poucos retoques no laboratório ou no computador, apenas para se acertar a luminosidade e corrigir algum pequeno defeito.”

Com as fotos finalizadas, foi dado início a construção do produto final a ser apresentado como trabalho de conclusão de curso. Através da plataforma Canva, foi possível diagramar as fotos e textos do livro-reportagem fotográfico e gerar sua versão física e digital.

Porém, antes mesmo de colocar a mão na massa, foi necessário resgatar as referências selecionadas na pré-produção e definir, de fato, o projeto gráfico do livro. O site www.livrosdefotografia.org foi um importante aliado para encontrar diferentes trabalhos competentes e tomar como inspiração no que diz respeito à fontes, cores e

disposição dos conteúdos. Nele é possível pesquisar por assuntos, tipos de publicação, títulos e vários filtros de busca.

Em seguida, foi construído um quadro de inspirações com as referências que mais se encaixaram na ideia para o projeto final. “O circo”, de Gustavo Malheiros, “As meninas”, de AnaCris Loureiro, e “Circo Estaner: um grande pequeno circo”, de Flávia Bomfim, foram grandes modelos de inspiração para o desenvolvimento do meu trabalho.



Figura 4 - Referências para o projeto editorial



Figura 5 - Referências para a diagramação

Paralelamente a isso, as entrevistas foram decupadas aos poucos em um documento do Google Docs. E após ter todas as sonoras presentes, chegou o momento de criar uma linha de narrativa para o fotolivro. Decidi dividi-lo em três atos: “Fora dos holofotes”, “O espetáculo vai começar” e “A cortina se fecha”. O antes, durante e depois do espetáculo, respectivamente.

O livro é majoritariamente fotográfico. Os pequenos textos servem como descrições ou falas dos entrevistados que ajudam a contextualizar o leitor sobre a cena em questão. A ideia é ser mais visual e menos textual.

Para o podcast, foi necessário criar roteiros para a gravação de cada episódio. Com base nas entrevistas, cada tema foi desenvolvido minuciosamente. A ideia do podcast era se tornar uma grande reportagem em áudio, onde se mesclava a minha voz e a voz do entrevistado. Para isso, utilizei o próprio gravador do celular como ferramenta de captação de áudio, e para a montagem e edição dos episódios, o programa Adobe Premiere. No final do fotolivro é possível encontrar um código do

Spotify, que ao ler com a ferramenta “pesquisar” do aplicativo, te leva diretamente ao podcast.

Quando finalizado, veiculei o programa na plataforma Spotify e em poucas horas, já havia se tornado público. No entanto, existem algumas exigências para o produto ser aceito pelo sistema, como as artes das capas de cada episódio e do programa. Por este motivo, criei cinco artes a seguir, a fim de completarem os pré-requisitos da plataforma.



Figura 6 - Capa do podcast “Por trás do picadeiro”



Figura 7 - Capa do primeiro episódio do podcast



Figura 8 - Capa do segundo episódio do podcast

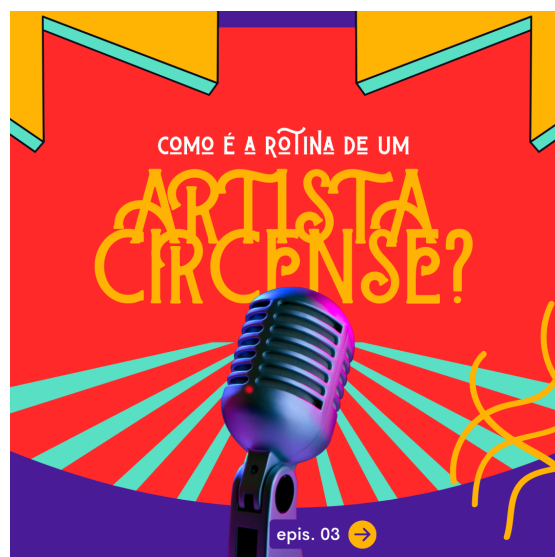


Figura 9 - Capa do terceiro episódio do podcast



Figura 10 - Capa do quarto episódio do podcast

Por fim, a etapa da pós-produção foi concluída com a edição do texto e a impressão do livro-reportagem fotográfico. A primeira de forma gratuita, mas a segunda com custos em torno de R\$200, conforme as especificações da tabela abaixo.

Tabela 1 - Descrição dos custos de produção do livro-reportagem

Descrição	Quantidade	Valor Unitário (R\$)	Valor Total (R\$)
Impressão do produto	1	200,00	200,00
Deslocamento até o circo	4 viagens pagas	20,00	100,00
Alimentação durante os dias de captação	3 refeições	15,00	45,00
Gasto Total			345,00

O livro foi impresso no formato 20cmx20cm com capa dura. Ele tem laminação bopp fosco e miolo com 49 páginas no papel couchê 250g 4/4. Além disso, conta com um acabamento colado e costurado.

Vale citar que até chegar à gráfica responsável pela impressão do trabalho, foi necessário fazer inúmeros orçamentos e análises de qualidade das lojas. E mesmo assim, a impressão não saiu como desejada. Houve alteração nas cores das fotos, o

acabamento não foi bem feito, existiam falhas nas costuras do livro, e além disso, tive que lidar com a demora exacerbada do estabelecimento. Diante das reclamações, a gráfica teve que refazer o livro três vezes, e ainda assim, não atingiu minhas expectativas. Com certeza, foi o maior perrengue de todo o trabalho.

Para observações de parâmetros temporais, entende-se que a produção de todo o projeto levou cerca de dois semestres para chegar ao seu resultado final. A pré-produção se deu nos meses de agosto a novembro de 2022. As entrevistas e a cobertura fotográfica foram feitas em dezembro de 2022. A gravação e edição do podcast foi feita em janeiro e fevereiro de 2023. E por fim, a edição das fotos e diagramação do livro em julho e agosto de 2024.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto “A vida itinerante no circo” foi a completa concretização de uma aprendizagem multidisciplinar desenvolvida nos cinco longos anos de graduação na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Foi a possibilidade de incluir em um único trabalho diferentes linguagens da comunicação e criar um produto que comunicasse sob diferentes estilos.

Ainda que sob algumas dificuldades, como a impressão, o objetivo de produzir o livro-reportagem fotográfico foi atingido. Todos os requisitos do processo de produção foram alcançados e foi possível propor um completo entendimento e imersão no assunto, contemplados em diferentes sentidos: visual e auditivo.

É importante ressaltar que diante de um mundo cada vez mais globalizado, urge a necessidade de elaborar produtos multimídia. Isto é, uma peça de conteúdo ou aplicação que integra múltiplos tipos de mídia, como texto, áudio, vídeo, imagens, animações e interatividade, para criar uma experiência mais rica e envolvente para o usuário. Além de promover um maior índice de acessibilidade. Felizmente, sinto que foi uma tarefa cumprida no desenvolvimento do projeto.

Poder concretizar “A vida itinerante no circo” foi uma experiência enriquecedora, não somente do ponto de vista profissional, mas também pessoal. Dar visibilidade a comunidades marginalizadas é ser transformado por histórias, vivências e realidades pouco abordadas. Os dias de apuração me trouxeram falas e desabafos que me preencheram e me fizeram mudar diversas concepções sobre o que é morar no circo.

Com esse trabalho, tive a oportunidade de ser o porta-voz de um emaranhado caminhão de sentimentos. Um desafio, por sua vez. Me desdobrar nos mais diferentes conhecimentos em comunicação, acompanhados pela responsabilidade da ética jornalística, para saber como expressar histórias tão sensíveis.

Ao final desse longo processo, compartilho a concretização deste trabalho com alguns pilares fundamentais defendidos pela universidade pública: democratização, acessibilidade e responsabilidade. É dever do jornalista tornar uma informação relevante pública e de fácil acesso.

Para mim, “A vida itinerante no circo” representa o desfecho de uma grande fase profissional da minha vida, onde pude colocar em prática tudo o que aprendi dentro e fora da sala de aula durante a graduação. Finalizo esse ciclo com muito orgulho e com a sensação de dever cumprido.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Editora Globo, 2017.

BUCHINIANI, Rodrigo G. **Garantias e Direitos Constitucionais para o Circo: Patrimônio Cultural e Ação Popular**. 2005. Monografia (Certificado de conclusão do curso de Direito) - Uni-FMU – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2005.

CARAMÊS, Aline de S.; SILVA, Daiane O. **Cultura circense, corpo e suas relações com o capitalismo**. EFDeportes, Buenos Aires, n. 160, set. 2011.

CASTRO, Laura et al. **Podcasts exploratórios e colaborativos: oralizando conhecimentos em um curso de graduação à distância**. Revista Academia, v. 11, p. 1-11, dez. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/83500203/Podcasts_Explorat%C3%B3rios_e_Colaborativos_Oralizando_Conhecimentos_Em_Um_Curso_De_Gradua%C3%A7%C3%A3o_a_Dist%C3%A2ncia. Acesso em 16 de jul. de 2024.

CHRIST, Flaviane Mônica; JÚNIOR, Leozir R. de M. **A entrevista no trabalho jornalístico: a teoria e a prática dos periódicos na Amazônia**. Refaf Multidisciplinar, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/151/html>>. Acesso em: 16 de ago. de 2024.

COELHO, Marília; MINATEL, Roseane. **CIRCO: A ARTE DO RISO E PRÁTICA DA RECONSTRUÇÃO SOCIAL**. Revista Tópos, v. 5, n. 1, p. 203-230, 2011.

COSTA, Carlos Henrique M. **A importância do planejamento estratégico para as organizações**. Revista da 15a Jornada de Pós-graduação e Pesquisa. Congrega Urcamp, vol. 15, nº 15, ano 2018.

ETAIN. **Podcast no Brasil: O crescimento da mídia digital no país**. Sua imprensa, 15 fev. 2024. Disponível em: <<https://suaimprensa.com.br/blog/podcast-no-brasil-o-crescimento-da-midia-digital-no-pais/#:~:text=tanto%20de%20audi%C3%A2ncia.,Estat%C3%ADsticas%20sobre%20podcast.de%2030%20milh%C3%B5es%20de%20ouvintes>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FABBI, Giulia. **Fotolivro enquanto projeto de design: análise da forma e desenvolvimento de um fotolivro autoral**. 2019. 84 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: A Saga dos Cães Perdidos**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017. 176 p.

GILLMOR, Dan. **We the Media - Grassroots Journalism by the People, for the People** [online]. 1º. ed. Sebastopol: O'Reilly Media, 2004.

KING, Kathleen; GURA, Mark. **Podcasting for Teachers: Using a New Technology to Revolutionize Teaching and Learning (Emerging Technologies for Evolving Learners)**. 1. ed. Estados Unidos da América: Information Age Publishing, Inc., 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 86 p.

LANDO, Felipe. **Pesquisa exploratória, descritiva ou explicativa**. Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://www.academicapesquisa.com.br/post/pesquisa-exploratoria-descritiva-explicativa>. Acesso em: 28 de jul. de 2024.

MCBRIDE, Kelly; ROSENSTIEL, Thomas. **The New Ethics of Journalism: Principles for the 21st Century**. 1. ed. Estados Unidos da América: CQ Press, 2013.

O fazer artístico e a sociedade: filosofias livres. Diário da manhã, [S. I.], 25 de mar. de 2017. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniaio/2017/03/o-fazer-artistico-e-sociedade-filosofias-livres/>. Acesso em: 17 de jul. de 2024.

OWENS, Bill. **Photojournalism: A Social Approach**. 1. ed. San Francisco: Editora Straight Arrow Books, 1978.

PARR, Martin; BADGER, Gerry. **The photobook: a history**. 1. ed. Londres: Editora Phaidon, 2004.

PEDROSO, Heitor *et al.* **Homem na estrada: Fotodocumentação da vida após as grades**. 2019. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Comunicação Social e Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), Presidente Prudente, 2019.

SILVA, Nathalia. **Circo e sua importância para a sociedade**. Diário da Manhã, [S. I.], 25 de mar. de 2022. Disponível em:

<<https://www.dm.com.br/cultura/2022/03/circo-e-sua-importancia-para-a-sociedade/>>.

Acesso em: 26 de jul. de 2024.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 92 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo - uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, Portugal: Editora Porto, 2002. 161 p.

SOUZA, Vinicius G. P.; NATIVIDADE, Maria Eugenia S. M. **Fotojornalismo: entre a história, a arte e o documental**. Projeto História, São Paulo, v. 70, pp. 208-234, Jan.-Abr., 2021.

TALESE, Gay. **Frank Sinatra Has a Cold**. Revista Esquire, Nova York, v. 65, n. 4, p. 117-186, abr. 1966.

ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo: redação e reportagem**. 3. ed. Editora Insular, 2021.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM ELINALDO CONCEIÇÃO

As falas de Elinaldo Conceição, DJ do Circo Real Português, foram compiladas a seguir. Os trechos foram retirados da transcrição das entrevistas realizadas nos dias 15 e 16 de dezembro de 2022.

Tema: A trajetória no mundo circense
“Se eu te contar minha história, até os cachorros choram. É muito sinistra viu.” “Eu morava com meu pai, e mandou pra fora de casa, com 17 anos de idade. Ele chegou bêbado e só falou ‘Você tem 1 semana pra sair de casa’ e eu ‘E agora pra onde eu vou?’. Aí eu fui procurando, e vi o circo e falei ‘minha oportunidade só é essa’. Eles falaram: ‘Se você quiser ficar por sua conta e risco’, aí eu permaneci e é até hoje.” “Hoje sou DJ e globista.”

“Eu vim da cidade pro circo e eu me senti acolhido por não ter uma família, então eu me senti como se estivesse em casa, como se minha família fosse o pessoal do circo. Não é nem pelo circo, é pela proximidade das pessoas que me tratam como se fosse da família.”

“O ponto mais positivo é que ao contrário das outras pessoas, elas vão viajar para ver seus familiares, mas aqui não, todo mundo é uma família, mora uma família que é todo mundo junto, todo mundo unido.”

“É algo diferente. Algo fora do comum. É algo que você tem vontade de fazer mas não consegue, então você vê alguém fazendo e te motiva: ‘Se ela consegue, eu também consigo.’”

Tema: Rotina no circo

“Dou uma geral no circo, olho se tem algo sujo, para receber o público, confiro as motos, vou no som [...]”

“Aí na segunda-feira que é a folga, aí você pode fazer o que você quiser... Sair, portanto que chegue na terça pra cumprir com suas obrigações.”

“É meio que ser obrigatório, todo mundo que tem um número, ensaiar, pra não ter nenhum erro.”

“Fico mais jogando no PC, de vez em quando tomo uma com meus amigos daqui.”

Tema: Desafios de morar e trabalhar no circo

“Isso é uma coisa que não deveria morrer, porque é uma coisa de vários anos, e deixar acabar assim é tirar a felicidade de muita criança.”

“O ruim é só quando você chega em um lugar, se apega e tem que ir embora.”

“O público é o mesmo, pode vir dez, pode vir duas pessoas, a gente tem que se apresentar como se fosse pra todo mundo. Se vier um, é como se tivesse que ser pra todos.”

“Acredito que daqui a dez anos vai mudar de lona, novos números, novas pessoas. Vai mudar muita coisa.”

“Na pandemia o que eu senti foi não receber o público da forma que a gente gostaria. Quem trabalha no circo, vive do circo. Se não tem público, não tem dinheiro. Então acabou que a gente necessitava do povo para ajudar. É muito complicado.”

“Como não podia trazer o público, a gente decidiu fazer o que a gente fazia no circo ‘batatinha, algodão-doce, pipoca’ e vender por *delivery*, alguns brinquedos que vendem no circo, pra poder ter alguma coisa, pra poder não ficar parado.”

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ISABELLA MOREIRA

A seguir, foram reunidas as falas de Isabella Moreira, moradora do Circo Real Português. Os trechos foram retirados da transcrição da entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2022.

Tema: A trajetória no mundo circense
“Eu cheguei aqui com 20. Mas em 2019, no Recanto das Emas que eu conheci. Meus primos foram no circo, fizeram amizade com eles, mas eu não fui. Eles falavam ‘Ah, vai assistir o circo’ e eu nem tchum pro circo, nem quis ir. Aí quando foi ano passado, no Recanto, meus primos ficaram me infernizando, eu fui, aí eu fui de novo, aí eu conheci a Letycia, depois a Iasmin, aí comecei a ficar vindo. Aí a Ju perguntou “Você quer vender foto?”, aí eu falei “Ju, quero”. Comecei a vender foto, aí foram embora do Recanto e foram pra Santa Maria, falei ‘também vou, gostei do circo, vou também’. Eu estudo a noite, estudo Ciências Contábeis e trabalhava de dia como auxiliar contábil. Aí eu ia na sexta, sábado, domingo, fui pra Santa Maria e fiquei rodando com eles, nunca mais parei de ir. Quando foi esse ano, foram pro Recanto de novo, aí eu falei ‘vou embora pro circo’, porque eu tinha mais afinidade com as meninas. A irmã da Juliana me adotou, é como uma mãe pra mim. O jeito que elas me tratam... super bem. Perguntei: ‘Doidinha, posso morar com você? pode’, aí peguei e vim embora. Aí fico agora só no circo e estudo à noite, tô no sexto semestre.” “O pessoal aqui são umas pessoas muito humildes, todo mundo que chega aqui eles tratam super bem, eles são muito acolhedores. Quando eu vim eles me acolheram super bem, trataram super bem, falava: ‘Queria ter nascido nessa família, eu queria ter o nome de Portugal’. O que me cativou foi o carinho que eles têm pela gente, o amor, como trata a gente, se preocupa.” “O que eu mais gosto? O espetáculo. A magia do espetáculo. Pra mim eu to vendo o espetáculo toda vez a primeira. Se chegar a noite, eu não vir aqui e assistir, não tô no circo. Os números que encantam a gente, a beleza... Eu me importo mesmo com o espetáculo, eu gosto mesmo do espetáculo.” “Muita gente tem preconceito com o circo, e o circo é um trabalho. A gente não tem que ter preconceito. Ver pra ver a magia, o esforço das pessoas. O circo tem a cultura, as meninas se empenham, dar o seu melhor. As pessoas tem que vir pra ver a cultura. Cada um tem um chamado diferente e as meninas aqui tem pra fazer as pessoas sorrir, encantar as pessoas.”
Tema: Rotina no circo
“Eu fico na bilheteria, eu fico vendendo foto... Mas eu vou entrar pra magia e entro no final.”

“Na primeira vez que eu entrei me deu medo, meu coração disparou, é outra coisa quando a gente tá lá em cima. Meu coração acelerou: ‘Ai Jesus, vou errar’. Mas depois você vai se acostumando. Depois que eu fui, pronto, não fiquei mais com medo.”

“Durante o dia a gente entrega bônus, que são aqueles panfletinhos na rua pras pessoas. Geralmente a gente entrega de manhã e à tarde. Aí de manhã eu tô entregando com as meninas. Quando é à tarde, a gente arruma a casa, lava uma roupa, dobra as roupas, guarda as coisas. Durante a semana, de segunda a quinta, eu vou pra faculdade. Dá 18h eu vou, então não to aqui pra ajudar. Quando é final de semana, 18h a gente começa a se arrumar, porque quando dá 20h a gente tem que tá na portaria pra abrir.”

“A gente é organizado. O horário dos bônus tem dias que é 9h, tem dias que é 10h. Aí cada um vai pra um lado, mas cada um tem seu horário.”

“Ir pro shopping. O nosso hobby é ir pro shopping, assistir um filme, a gente vai lanchar... O que a gente mais gosta de ir é ir pro shopping.”

Tema: Desafios de morar e trabalhar no circo

“Eu acho que falta um pouco do incentivo do governo, aqui parte mais do circo mesmo. Não tem um apoio muito do governo, é mais as meninas mesmo que vai incentivando. Não vejo muito incentivo do governo, não vejo nem falando de circo, na TV, no jornal, documentários, então acho que falta.”

“Eu acho que tem seu lugar ainda. Mas o jeito que a internet está, a evolução, a tecnologia, as pessoas preferem ficar em casa no celular do que vir no circo. Eu acho que as pessoas veem muito mais a internet do que o circo, eles veem muito mais o lado do celular do que a cultura.”

“A parte mais difícil é a mudança. A parte física, porque cansa. A gente que tá por fora vê o sofrimento que é. Aí chega em outras cidades, o governo demora a ligar a luz, a água, tem que ficar correndo atrás. O sufoco maior é a hora da mudança. A gente até fica triste. Ou até mesmo quando a gente gosta de uma cidade, e a gente se apegou.”

“Tem uns lugares que as pessoas são mais educadas, mais ignorantes, mas a gente tenta tratar do mesmo modo. Às vezes tem umas pessoas duronas, aí a gente vai cativando e a pessoa quebra o gelo na hora, mas tem umas cidades que as pessoas são mais amorosas, outras são mais fechadas.”

“Eu acho que vai continuar do mesmo jeito, vai vim a tradição e vai continuar do mesmo jeito. Vai mudar pelas tecnologias, o formato, o desenho, as luzes, o picadeiro, mas o jeito que é o circo não, vai continuar do mesmo jeito.”

“Aqui eu convivo com mais pessoas. É como se fosse minha família. Aqui a gente toma café juntos, a gente almoça juntos, a noite tá todo mundo reunido, eu gosto do convívio que a gente gosta, todo mundo.”

“O que você quer fazer no circo? Me criticaram muito. No começo, fiquei muito triste, porque me criticaram demais. Falavam ‘Você já tem um futuro pela frente’ ‘Você deixou

uma oportunidade dessa pra trás pra vim pro circo', mas a gente tem que ir pra um lugar que a gente gosta, que a gente se sente bem, não é pra satisfazer os outros, agradar os outros. A gente tem que satisfazer a gente. No começo eu chorava, fiquei triste, mas depois passou."

"É um círculo. Você estuda, trabalha, tem seus filhos, fica velinho... Aqui no circo não, você vem pro circo, casa com alguém do circo, vira artista circense, tem filho circense, aí você roda a cidade, imagina viver assim, você não tem uma casa fixa, você fica rodando, é uma coisa diferente. E eu gosto da multidão, de ter contato com as pessoas, sair do padrão da sociedade. Ficar no padrão da sociedade não dá não."

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM LETYCIA PORTUGAL

Os trechos das falas de Letycia Portugal, retirados da transcrição das entrevistas realizadas nos dias 15 e 16 de dezembro de 2022, foram compilados a seguir:

Tema: A trajetória no mundo circense
"Eu nasci no circo e comecei a trabalhar com três anos de idade." "Tive a influência do meu pai. Ele fazia trapézio, e comecei fazendo trapézio também." "Como eu já nasci aqui, eu não conheci outra vida. Já me apaixonei e não quero sair não." "Conhecer várias cidades novas, ter várias amizades, em todos os cantos, o circo te torna conhecido também." "Eu acho que agrega muito porque tem muita gente que tá triste, e quando vão pro circo, se alegram, porque os palhaços trazem alegria. Tem muita gente que falou que chegou triste e saiu tão feliz do circo, e isso deixa a gente muito feliz."
Tema: Rotina no circo
"Eu faço bambolê, participo em todos badalados, e faço lira." "De manhã, quando tá tendo aula, eu já vou pra escola, à tarde eu treino um pouco, aí depois eu volto e assisto TV, as séries..." "A gente muda. Cada cidade que a gente tá a gente muda de escola, quando o circo tá próximo da escola, mas geralmente a gente muda de escola." "Como faz tempo que eu tô, eu já tô mais tranquila, já me adaptei." "Eu gosto muito de assistir séries nos meus dias livres."

Tema: Desafios de morar e trabalhar no circo

“Eu acho que ainda tem seu lugar. Querendo ou não, a rede social é um pouquinho bom porque chega, filmam tudo e dá mais visibilidade pro circo.”

“Também tem as crianças que são muito presas. Eu acho que prejudica um pouco. Eu acho que deveriam trazer e não ficar só no telefone, porque isso dificulta em vários aspectos.”

“A mudança é muito complicada, porque a gente muda, aí a gente fica uns dois dias sem luz, três dias sem água. Já chegou da gente estrear o circo e estar sem água, então acho que essa é a maior dificuldade.”

“Tem cidades que acolhem mais, tem cidades mais animadas, varia de espetáculo também. Tem gente que chega mais alegre, outros que são mais quietinhos.”

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM IASMIN PORTUGAL

Os trechos das falas de Iasmin Portugal, retirados da transcrição das entrevistas realizadas nos dias 15 e 16 de dezembro de 2022, foram compilados a seguir:

Tema: A trajetória no mundo circense

“Eu já nasci no circo, toda minha família já é tradicional de circo. No contorcionismo com quatro anos.”

“Vendo meus pais, minha família, sempre quis. Teve um ensaiador que ensaiou eu e a Letycia. É um ensaiador próprio pra isso que ensina tudo o que você quiser.”

“O público, viajar, as aventuras. É muito bom, é diferente das outras pessoas, minha família já é tradicional de circo, eu amo o circo.”

“Pra trazer felicidade pras pessoas, pras pessoas carentes o circo é uma ótima oportunidade.”

Tema: Rotina no circo

“Eu sou bailarina, faço contorcionismo, faço faixa dupla com o globista, eu entrego também os panfletos.”

“De manhã eu estudo, aí eu volto, a gente ensaia, todo mundo ensaia de tarde, de noite tem espetáculo, mas tem os dias de folga, que a gente vai pros circos, shows, essas coisas.”

“É tranquilo em relação à escola, assim que a gente chega os professores já sabem que a gente é do circo, e daí a gente sempre vai pra escola no início do bimestre. Aí toda vez a

gente espera chegar o bimestre acabar numa escola pra poder mudar pra outra. Mas é tranquilo, os professores são muito legais e é rápido de fazer amigos.”

“Eles fazem muitas perguntas porque é algo muito diferente, fala como é morar no circo, como é estudar, às vezes vem aqui também me visitar.”

“Antes a gente tinha um ensaiador. Se a gente estudasse de manhã, a gente ensaiava à tarde, se a gente estudasse de tarde, a gente ensaiava de manhã. Aí é sempre um horário certinho, se for da tarde às 15h, se for da manhã às 9h.”

“Eu também gosto de assistir séries, gosto de ir no shopping, gosto de sair, assistir filme, ir no show, fomos no Henrique e Juliano que fomos recentemente...”

“Em relação a comida, fica entre ela e minha tia. Eu e Isabella reveza pra lavar a louça e arrumar a casa. Às vezes a gente arruma juntas, às vezes uma arruma e deixa a outra.”

Tema: Desafios de morar e trabalhar no circo

“A questão de ser perigoso. Aqui em Ceilândia já tentaram entrar aqui duas vezes, então é muito perigoso. Nem tanto pela água, pela luz, mas por esse lado do “perigoso”. Tem muita coisa a mostra que eles veem, os carros.. Geralmente eles tentam entrar.”

“O circo tem um grupo, lá passa toda a programação do circo, o que vai acontecer, e lá todo mundo avisa, se ver alguém avisa pros meninos poder sair pra ver o que tá acontecendo... Pelo grupo todo mundo já avisa, ou liga.”

“Daqui a dez anos, eu me imagino continuando, fazendo o meu número, mas o circo tendo algumas mudanças, algumas melhoras. Com certeza daqui a dez anos vai ter algumas tecnologias muito boas, acho que vai até ser mais fácil, mais desse lado tecnológico que vai mudar.”

“Eu penso em fazer uma faculdade, mas não deixar o circo, só pra ter mesmo, me especializar em alguma coisa. Ainda estou vendo o que quero, eu gosto muito de moda, penso em moda, porque tem algumas coisas relacionadas ao circo.”

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM JOICE PORTUGAL

Os trechos das falas de Joice Portugal, retirados da transcrição da entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2022, foram compilados a seguir:

Tema: A trajetória no mundo circense

“Eu já nasci no circo. A primeira vez que eu pisei no palco eu tinha quatro, cinco anos. Foi como assistente do mágico, e dali eu já não saí mais.”

“Na verdade, no circo você já nasce com esse dom. Quando você é criança você brinca de circo, a criança de circo brinca de circo. Meu dia a dia era brincar de circo. A gente ia pro picadeiro e tentava fazer o que os outros faziam, os adultos.. Então nossa brincadeira era aquilo, brincar de circo, era ser a bailarina, ser a mágica, ser a trapezista. Então, a gente brincando a gente acaba aprendendo e na brincadeira a gente acaba descobrindo o que você mais gosta, sua área no circo.”

“Hoje eu faço um número com a minha irmã, com a Juliana, que é de tecido, que é um número aéreo, eu sempre gostei de números aéreos. Então, você brincando você acaba se descobrindo ali. A gente começa a trabalhar cedo por isso, porque você acaba aprendendo muito cedo.”

“O circo a gente já nasce, isso daqui nasce com a gente, é no sangue. A minha vontade de prosseguir com o circo é pela paixão mesmo.”

“Eu falo que o circo sobrevive pelo amor, pelo amor que a gente tem pela arte, porque é muito difícil fazer arte no nosso país.”

“Uma coisa que eu acho muito bacana é a gente poder fazer pelo próximo, eu acho muito legal. No circo a gente tem esse espaço.”

“A gente fez um espetáculo gratuito ontem para umas crianças carentes e a pessoa que me pediu esse espetáculo me mandou uma mensagem agradecendo, porque eram crianças que nunca tinham ido ao circo, não conheciam o circo. Tem coisas que são muito gratificantes, e isso pra gente é muito bom!”

“Porque a gente sabe, que a gente chega na cidade, às vezes tem pessoas que tem condições de pagar ingresso, que já tem costume, já frequenta, e tem outras que não tem acesso. E quando a gente pode proporcionar isso pras pessoas eu acho isso muito legal no circo. Às vezes a gente abre o espetáculo para crianças autistas. Uma vez abrimos só para crianças com câncer, algumas em tratamentos paliativos, outras que estavam perto da cura, outras que não iam ter cura de jeito nenhum, e ali dentro do circo elas esqueceram tudo.”

“Todas aquelas crianças que estavam ali passando por tratamento, sofrendo de alguma forma, esqueceram tudo. E aquele sorriso é nosso combustível e faz a gente manter a arte viva.”

“O circo é uma cultura muito diversificada porque ele consegue atender todos os públicos, todas as pessoas, todas as faixas etárias, todas as classes sociais...e quando entra dentro do circo eu acho que as pessoas esquecem o mundo um pouco. É 1h30 que você esquece o que tá acontecendo.”

“Quando a gente vê ali dentro do circo são todos iguais, não tem diferença.”

“Eu fico muito feliz com o meu trabalho por isso, porque a gente consegue levar 1h30 de alegria, fazer as pessoas esquecerem um pouco as coisas ruins, o que ta vivendo.”

Tema: Rotina no circo

“Aqui cada um tem sua casa, tem sua vida. A gente tem uma vida fora do picadeiro, mas até os próprios artistas, quando a gente passa por aquela cortina, que a gente entra ali, os problemas ficaram lá atrás daquela cortina e o tempo que a gente tá apresentando o espetáculo é totalmente diferente. É realmente para agradar o público, independente do que tá acontecendo aqui atrás das cortinas.”

“No espetáculo eu sou trapezista, eu sou mágica, eu apresento o número do King Kong. Aí fora do picadeiro, eu cuido da parte de liberação do circo, a parte burocrática, porque às vezes as pessoas não sabem o quanto é burocrático para um circo se instalar numa cidade. A gente chega, a gente precisa de engenheiros, a gente precisa de vistoria, a gente paga todas as taxas, não temos isenção de nada. Fora do picadeiro eu cuido dessa parte de fazer a logística, de qual cidade o circo vai, das liberações até o dia da estreia estou lá trabalhando, para que quando chegue o dia da estreia do circo, o circo esteja com a licença na mão e tudo certo pra funcionar.”

“A gente tem uma rotina basicamente normal, como as outras pessoas. Eu tenho filho, o meu trailer é minha casa. Eu sou dona de casa, eu cuido do filho, eu tava estudando, eu fiz um curso de enfermagem, tem uns dois meses que me formei.”

“‘Porque você escolheu fazer enfermagem? É tão diferente do circo! O circo é alegria!’ E as pessoas associam você trabalhar na área da saúde como uma parte triste da história, eles me perguntavam: ‘Como assim você trabalha no circo? No circo é tudo tão mágico, é tudo tão alegre e porque você escolheu isso daqui?’. O circo também é essa questão de ajudar o próximo com a nossa ferramenta de trabalho. Na questão da enfermagem eu via muito isso, porque você tá ali pra ajudar o próximo, para dar assistência. As pessoas: ‘Mas porque você escolheu?’. Mas eu não escolhi, eu acredito que eu fui escolhida.”

“A nossa rotina no circo é normal: leva criança na escola, busca criança na escola, cada um cozinha no seu trailer, faz o almoço, tem o tempo para lavar louça, lavar roupa. Nossa rotina fora do picadeiro é uma rotina normal como qualquer outra família.”

“Cada um estabelece sua rotina, seus horários, o que fica melhor.”

“A gente vive aqui em uma grande comunidade, mas aqui dentro do trailer é a vida dessa pessoa, dessa e daquela.”

“Tem dias de folga que eu quero fazer tudo fora, ir no cinema, ir passear, ir aproveitar, mas tem dias que eu quero fazer exatamente nada, ficar dentro do trailer, só assistindo TV, principalmente quando é aqueles finais de semana muito cansativo, aí eu quero ficar quietinho em casa.”

Tema: Desafios de morar e trabalhar no circo

“Aqui no Brasil o circo é pouco valorizado. A gente batalha muito pra ser reconhecido, a gente corre atrás, a gente tenta. A gente deu entrada com um grupo de colegas no IFAN pra tentar o reconhecimento, para que o circo seja reconhecido como patrimônio, mas a gente tem uma dificuldade muito grande.”

“Tem diversos segmentos da cultura que recebem incentivos, que são isentos de muitas coisas, mas o circo não, não é isento de nada. A gente briga bastante pra ter um reconhecimento da parte da cultura circense. E o circo é uma arte milenar, vem de várias e várias gerações.”

“O circo vem se arrastando, anos e anos, e o reconhecimento pela arte circense é muito pequena. Então eu falo que os circos que ainda existem são pelo amor, porque as pessoas amam mesmo e não querem deixar a arte acabar.”

“É uma batalha diária para conseguir despertar o interesse das crianças pelo circo.”

“Quando eu era criança, o circo chegava na cidade, era uma festa, era uma alegria. Dez minutos que o circo estava no local, parece que a cidade inteira estava sabendo, e começava a chegar carro, criança, e aquela área começava a lotar de gente, todo mundo querendo olhar e saber “Que dia começa?”. E a internet, a televisão, os jogos online, isso daí distanciou bastante as crianças. A gente tem uma batalha diária pra conseguir prender a atenção das crianças no espetáculo, pra conseguir fazer com que os pais tragam os filhos ao circo, para que não perca essa tradição.”

“A parte mais difícil de viver no circo são as burocracias que a gente enfrenta pra poder instalar um circo.”

“Tem cidades que o prefeito fala ‘Não quero circo na minha cidade, de jeito nenhum, circo não trabalha aqui’. Então, essa parte é a parte mais difícil de trabalhar no circo. Quando você sai, e escuta uma coisa dessas ‘Ai, eu não quero circo na minha cidade’, dá um desespero, um desânimo tão grande. Você tá trabalhando, tá tentando levar a cultura, tá tentando levar isso daqui adiante. Às vezes você toma chá de cadeira de várias horas, e te deixam lá, você tenta falar com alguém, e a pessoa fala ‘Tá em reunião, tá num sei aonde.’”

“Eu espero que seja o circo de lona, isso daqui não pode perder. O que caracteriza o circo é a lona, sem lona não é circo, você pode chamar de qualquer outra coisa, mas não de circo.”

“Daqui a dez anos, eu acho que o circo está tentando trazer a modernidade pra dentro do circo, mas sem perder a essência, que é o que eu acho mais importante. A gente não pode perder essa parte do circo tradicional, que é tão bonita.”

“Eu espero que daqui a dez anos o circo continue caracterizado como lona. Eu espero que tenha várias coisas dentro da tecnologia que venha a beneficiar ainda mais o circo, mas que o circo não perca a essência, que as pessoas não deixem perder o lado tradicional da coisa, porque eu acho isso muito importante, a gente levar um pouco da tradição, seguir com a tradição.”

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM JULIANA PORTUGAL

Os trechos das falas de Juliana Portugal, retirados da transcrição da entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2022, foram compilados a seguir:

Tema: A trajetória no mundo circense

“Eu nasci no circo, venho de família tradicional, então meu pai já nasceu no circo, meus tios, meus avós já nasceram no circo. Minha mãe não era de circo, era de cidade, mas casou com meu pai e veio pro circo. E eu já nasci no circo. Eu comecei a me apresentar com 5 anos. Quem é de circo sempre começa a se apresentar cedo.”

“A gente acaba vendo o que cada um tem mais afinidade. O circo tem várias modalidades, tem várias áreas que você pode trabalhar. Todo mundo tem essa liberdade, é algo super natural. No circo eu não vejo como algo forçado, as crianças vem pro picadeiro sozinhas e elas começam a se identificar com algo e acabam pedindo pra fazer aquilo.”

“Tanto pra escolher seu número, sua roupa, sua música, a sua coreografia, você trabalha e é totalmente livre com as suas escolhas.”

“Tem gente que fala que quem bebe da água da lona fica... quem nasce no circo tem uma raiz, é um amor que eu não sei te explicar.”

“Eu estudei, fiz faculdade, mas nada me prendeu lá fora ao ponto de querer sair daqui. É um amor pela arte, é um amor que vem de família. A gente tem uma história muito grande pra carregar e isso pesa. Você vem de uma família que tem uma tradição de muito tempo, então isso é mais uma influência pra você continuar.”

“Na pandemia que a gente viu o tanto que a gente gosta de circo mesmo, porque a gente tinha a opção de tentar sair pra procurar outro emprego, mas aí que você teve mais força pra lutar para que isso não acabasse.”

“Na pandemia que você vê o tanto que faz falta você se apresentar, atender o público, ver as pessoas batendo palma, sorrindo. Foi um momento depressivo pra gente ter que ficar sem trabalhar no circo. É um amor que é construído de quem nasceu e de quem veio trabalhar no circo.”

“Você tem o privilégio de conhecer vários lugares, e conviver com a cultura, mas o que eu acho mais interessante é que você convive com pessoas de diversos estados, diversos países, com cultura totalmente diferentes, com linguagens totalmente diferente, com costumes, e você acaba se acostumando e aprendendo. Cada um tem um respeito pela religião, pelo costume, pelo modo do outro, e aí você aprende com isso também.”

“Desde pequena, os lugares que eu passei, a cultura que eu aprendi... tanto comida, quanto artesanato, folclore, cores, danças, eu acho muito rico culturalmente de morar no circo, porque você aprende tanto viajando quanto no convívio mesmo diário aqui dentro.”

“Toda criança devia vir ao circo. Hoje em dia é videogame, é internet, é rede social, e é uma coisa muito pesada. Uma rede social hoje agrava a questão de crimes, de suicídios, depressão, porque é um lugar muito julgado, sofrem hate, a pessoa tem que ser perfeita, e as crianças de hoje em dia estão muito nesse mundo. E o circo não. O circo é aquilo antigo, não tem violência, você pode vir com sua família, é algo puro, é algo cultural, você vê as

“pessoas se arriscando, fazendo acrobacias, vê a capacidade do seu corpo de fazer coisas que você nem imagina que possa ser feito. O circo é algo muito mágico e lúdico.”

“Além de ser a cultura mais antiga, é a cultura mais rica para que a família possa vir, e isso deve ser sempre implantado. Ou seja, os pais vir trazer as crianças para que no futuro elas venham trazer os filhos também.”

“O circo é muito democrático, porque é uma cultura de fácil acesso, é uma cultura barata. Se você for comparar com teatro, o valor do ingresso do circo é muito mais barato e o teatro não tem tanto acesso. O circo tá em cada bairro, em cada cidade. Dificilmente uma cidade no Brasil não passa um circo. O circo vai em qualquer lugar, vai nas periferias, vai no Plano...”

Tema: Rotina no circo

“Eu trabalho na área de marketing, administrativa um pouco, um pouquinho de tudo eu trabalho hoje em dia. Mas no palco eu sou acrobata aérea, também trabalho no balé, faço parte da magia, e a gente entra no final, nos badalados.”

“A gente tenta fazer a vida normal: ir pra academia, ter a vida de dona de casa, limpar, cuidar da casa, ir no supermercado, e tem as tarefas do circo porque tem muita parte burocrática do circo. Tem que ter documentação, pagamento de funcionários... Além disso, você tem a divulgação, contratação de carro de som, panfletagem, divulgação. Então tudo isso eu trabalho um pouco.”

“A maioria das pessoas de circo gostam de ir no cinema. Eu gosto de teatro, eu gosto de cinema, sair pra comer a tarde pra lanche, pizzaria com todo mundo...”

Tema: Desafios de morar e trabalhar no circo

“É muito difícil ser circo de lona, tradicional, é muito difícil. Você não ter endereço fixo no Brasil é muito difícil. Eles não reconhecem o circo como cultura em si, você não paga como cultura, você não paga taxas como cultura. Tem cidades que eles nem aceitam, tem cidades que chegam a proibir que um circo entre. Tem prefeito que fala: ‘Eu não quero circo aqui porque vai levar o dinheiro da cidade’. Você não é tratado como artista, como alguém que tá levando cultura para a sua cidade. E em muitos locais a gente sofre muito preconceito, então ser artista circense hoje em dia é porque você ama mesmo ser artista circense.”

“Tem muita gente que tem um carinho enorme, que ama o circo, mas tem gente que não. Tem gente que olha e fala ‘Nossa, dez reais um ingresso de circo, tinha que ser um real’, e coloca seu trabalho no chão. Hoje em dia você tem que ter uma mente, uma cabeça muito boa pra conseguir ainda levar nas dificuldades. Você tem poucas áreas que são legais pra arrumar o circo, porque ninguém determina locais próprios para isso. E isso acontece muito lá fora. Na Europa, os terrenos são destinados ao circo, são terrenos acimentados, com pontos de água e luz já instalados. Aqui não. Você tem um trabalho enorme de dias e dias pedindo uma ligação provisória de água e luz, os valores são absurdos, e você vai pagar porque você não vai ficar sem água. Às vezes você chega e fica uma semana sem água pra ter água, então é muito difícil.”

“É nítido o quanto foi crescendo os outros meios, as mídias, as redes sociais, e quanto o circo foi diminuindo, perdendo espaço.”

“Acontece que hoje em dia o ser humano tá muito agitado. O tempo passa muito rápido, e os pais hoje em dia todos trabalham. Às vezes, o bebê com dois meses já tá com celular pra mãe trabalhar.”

“Você tem que tentar se adaptar em algumas áreas. Você tem que tentar entrar nisso pra que a criança tenha interesse pra voltar ao circo. O circo não pode ficar parado sem estar na rede, você tem que tá sendo visto ali na internet, tem que tá presente ali para que as pessoas possam ser lembradas. E trazer atrações para as crianças também, porque é um modo de atrair as crianças até aqui. Quando elas acabam vindo aqui por causa de um personagem, elas acabam vindo no circo sempre.”

“A gente teve uma queda muito grande com a saída dos animais, porque as crianças vinham pra ver os animais. Quando tirou os animais ‘O que que eu vou ver no circo?’. E aí, você acaba colocando um Homem Aranha, um Baby Shark pra poder atrair as crianças até aqui. Trazer algumas atrações diferenciadas. O King Kong não tinha antigamente, mas é algo que você cria para que as pessoas venham. Os animais não podem mais? Então vamos trazer os animais mecânicos, dinossauros que não são de verdade mas que são lúdicos para as crianças verem.”

“Eu acho que a falta de apoio e de reconhecimento, porque existem os atores, existe o teatro, existe cinema, mas o circo é sempre esquecido. A gente brinca que até nos decretos, na horas de proibir pra gente trabalhar, a gente não tava lá.”

“E a gente é considerado circo, mas na horas de competir com algum projeto, tudo é circo. O cara que tá jogando malabares ali no sinal ele também é circo, e aí, cadê o circo de lona? O circo itinerante? A gente precisa ser reconhecido como circo de lona, porque o circo é isso aqui, os outros são artistas circenses, mas são todos classificados como circo e a gente acaba perdendo espaço pra isso.”

“Tem muita diferença em determinados locais. No interior, eles são mais carentes de eventos, porque no interior eles não tem shopping grande, não tem cinema, não tem uma sala de teatro, então o que vai até ele é o circo. A capital é acostumada com grandes eventos, o interior não. Então, quando chega um circo é uma novidade, uma atração. Então em algumas cidades pequenas a forma de ser tratada é muito melhor, porque chega o circo é ‘Ai meu Deus, temos algo pra fazer!’. Até a forma de divulgação muda. Você tem que ter estratégias pras cidades grandes, mas também estratégias para cidades pequenas. No Plano Piloto você vai ficar com um carro de som rodando? Não vai funcionar. Então lá é pela televisão, pelas redes sociais mesmo. Já no interior o carro de som é importante, é até pelo lúdico. O circo precisa do carro de som porque o povo remete: ‘Olha o carro de som do circo passando’. Você nunca pode deixar de tirar tudo.”

“É uma diferença grande até na hora de fazer uma comunicação, na hora de fazer a divulgação do circo. Mas realmente o interior ele é mais carente de circo. Às vezes o que não te leva ao interior são as estradas. Às vezes não compensa o preço que tá o combustível, o preço que tá pra você fazer uma mudança [...]”

“Muita gente até achava que o circo não sobreviveria à pandemia. Por um tempo muitas fecharam as portas, mas a maioria continuou.”

“Daqui a dez anos a tecnologia vai tá mais avançada do que tá hoje. Então, a gente sempre tem que tentar acompanhar o ritmo criando coisas novas, coisas diferentes, diversas, pra acompanhar o avanço da tecnologia, mas sem perder o lúdico.”

“De dez anos atrás, a quantidade de público que vinha... O circo há dez anos atrás podia abrir cinco sessões num domingo, às vezes tinham seis, porque tinha público para essas seis sessões, porque se não fosse, não conseguiria atender todo mundo. E a capacidade dos circos antigamente eram muito maiores, porque os terrenos eram maiores, então às vezes cabia 2000 pessoas no circo. Hoje em dia você faz duas ou três sessões num final de semana e nem lota as três. E hoje em dia sua capacidade reduziu pela metade, então isso é um ponto negativo.”

“O ponto positivo é a tecnologia. A gente consegue hoje em dia comprar coisas em outros lugares e trazer pro circo. Então, a gente acompanha novidades. Se você vê algo que lançou lá fora e você quiser trazer pra cá, você consegue copiar isso, a tecnologia pra fazer coisas diferentes.”

“Então, essa mudança de ver a tecnologia entrando, você conseguir fazer divulgação que é muito mais barata que antigamente, porque antigamente você tinha que fazer em TV e você gastava muito, e se você não tinha, você nem fazia. Hoje em dia, com dez por cento do que você gasta nas TV, você coloca um patrocinado na rede social e todo mundo vê.”

“Além do financeiro, que a gente ficou parado, a gente ficou sem renda. Você teve que fazer outras coisas pra conseguir sobreviver.”

“O circo não consegue ter um caixa, porque você não tem público suficiente pra conseguir guardar dinheiro. Você tem um gasto pra instalar num local, que às vezes você tem que passar duas semanas trabalhando pra pagar o gasto daquele, e mais duas semanas trabalhando pra pagar o gasto da próxima. E às vezes você já entra lá devendo e tem que trabalhar. Então no circo, o artista circense não consegue ter um fundo para emergência como a pandemia.”

“Muito tempo parado, o material desgastando porque a gente ficou um ano parado no local, chuva, sol, chuva, sol. A gente ainda tá tentando recuperar material perdido da pandemia. Isso foi muito difícil. E até a gente. Eu falo que ninguém ainda voltou ao físico que a gente tinha antes, porque nunca ninguém ficou tanto tempo sem trabalhar. Mesmo que você venha e ensaie, não é a mesma coisa que um espetáculo. O espetáculo é 1h30 corrido, e o ensaio você não vai conseguir ficar fazendo a mesma coisa. Ninguém voltou pra sua preparação física que teve. E a gente voltou com mais lesões. Pelo tempo a gente sente mais as costas. Foi muito complicado em tudo. E ainda na cabeça... você ficou parado, você ficou sem trabalho, você tentou trabalhar de outras formas e não deixar o circo.”

“E logo após a gente ficou com medo: ‘Será se as pessoas vão voltar ao circo? É tanto tempo dentro de casa’. E graças a Deus as pessoas voltaram.”

“A gente vê que quando a inflação está mais alta, a gente perde mais público, porque sobra menos para que as pessoas venham ao circo. Mas a gente também sofreu a inflação em tudo, tudo aumentou: combustível, imposto... então a gente teve que manter o valor do nosso ingresso com ou sem inflação.”

“A gente teve que ir pra rua vender os produtos que a gente tinha no circo. Se você fazia algodão, pipoca doce, maçã do amor... e passava com o carro do som vendendo. A gente fez máscara também, a gente vendia também, a gente foi para todas as outras coisas que a gente podia naquele momento, a gente fez aniversários drive-in [...].”

“Como as festas de aniversários estavam proibidas pela aglomeração, as festas em drive-in podiam, porque os convidados ficavam no carro, assistiam o espetáculo e cantavam o parabéns em cima do carro, e não tinha contato.”

“A gente ficou muito tempo com distanciamento, com redução do público, era uma preocupação geral [...].”

“Tem trapezista, tem acrobata aéreo, tem contorcionismo, tem quem faça os números com bambolê, tem magia, tem o super herói, tem o globo da morte, tem o King Kong, tem o dinossauro, tem elefante, tem palhaço, tem a galera do marketing.... Minha irmã trabalha na área burocrática, com a montagem e desmontagem do circo, meu primo na montagem e desmontagem do circo, tem gente na bilheteria, na portaria, o pessoal que trabalha na praça de alimentação, que faz os lanches, o pessoal do caixa, que vende as fichas, e tem o pessoal de trás, assistente de palco, que leva os aparelhos, tira, coloca.”

“Às vezes a gente tem muita dificuldade. Teve muitas vezes que a gente foi rejeitado. Colocava a documentação e o administrador ‘Não quero aqui’... E às vezes isso acontece!”

“A gente decide assim: ‘Quanto tempo faz que um circo passou por aquele lugar?’. Porque se um passou por ali recentemente, é ruim você entrar porque a pessoa já foi no circo, não vai querer ir mais.”

“Quanto tempo faz que a pessoa foi? O terreno é bom? As pessoas têm interesse em ir ao circo?”

“Meu pai que já conhece muito as cidades do interior do Brasil todo, já sabe que tem uma rota. ‘Essa rota não é boa pra circo, todo mundo que vai perde, mas esse lado aqui a galera gosta mais’. Então, já tem tudo isso que vem de anos. Tem cidades que todo mundo sabe que é bom pra circo, e tem cidades que todo mundo sabe que é ruim pra circo, e a cidade boa pra circo sempre é a mais procurada, você tem que entrar antes de outro circo entrar.”

APÊNDICE G - ENTREVISTA COM CLEIBE PORTUGAL

Os trechos das falas de Cleibe Portugal, retirados da transcrição da entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2022, foram compilados a seguir:

Tema: A história e a importância do Circo Real Português

“O Circo Real Português desmembrou do circo “Irmãos Portugal” que chamava, porque era meu tio, meu pai, minhas tias e meu avô. A família cresceu demais e o circo não conseguia manter a despesa daquele mundo de gente que tinha, porque era muito filho. Meu avô teve muitos netos. Ele cresceu muito em termos de gente e o circo continuou do mesmo tamanho. Aí desmembrou o Circo Brenner, o Circo Portugal, e nós também desmembramos. Botamos o nome “Circo Transcontinental”. Foi muitos anos esse nome, depois veio o Circo Real Português.”

“Pra manter um circo com tantos filhos, tantos netos, era muito difícil uma bilheteria do circo ter tanta gente, e aí foi o que causou.”

“Pra aquele povo retornar ao circo, eles colocavam o drama, como se fosse uma novela que o povo todo dia ia ter que ligar. ‘Hoje vai passar um teatro!’. Era uma novidade, cada dia era uma peça, uma atração diferente.”

“O circo é uma coisa diferente, ele não tem rivalidade de nada, ele vai assistir o espetáculo, ele consegue enxergar o palhaço como se ele fosse uma criança. Ele consegue ter um ambiente que todo mundo que tá ali perto dele é amigo dele. Hoje se você olhar uma distração para a família hoje é o circo. Ele leva criança, tem gente que vem assistir que tem 98 anos. E é muito gratificante, até porque essas pessoas com essa idade não tem mais ânimo de sair, e se ele chega a se animar para ir ao circo, é porque ele sente a saudade de quando era criança. Ele tem 100 anos, mas ele lembra do circo exatamente quando tinha cinco, seis anos...”

“E a criança vem ao circo porque os pais conseguem levar o filho a assistir um espetáculo tão inocente como o circo, ele não tem onde levar mais...”

Tema: Mudanças e adaptações

“Mudou praticamente tudo, mudou o circo. O circo não tinha essas luzes de couro. Era só luz branca, era um espetáculo completamente circense. Você começa a compreender que principalmente aqui no Brasil acabou os artistas daquelas época, e quando existe, os circos lá de fora contratam e levam pra lá, porque eles também tão em crise. Todo mundo tá abandonando o circo, todo mundo quer se formar, ter um lugar pra ficar. Eles começam a pensar que o circo é uma vida muito sacrificada, e pra conseguir manter isso é muito amor, porque se você for olhar pro outro lado... ‘Ah, mas você tá andando, tá se divertindo, conhecendo cidade’.... Mas isso é profissão nossa, não é diversão pra nós. Quando a gente quer se divertir, a gente vai no cinema, a gente vai pra qualquer outro lugar diferente.”

“Você não consegue ver o circo como uma diversão, nós olhamos pra esse circo e olha como obrigação, como responsabilidade.”

“Não tem aquele gesto, aquele gingado do palhaço do circo, a inocência, porque o camarada vem e começa a sentir graça do palhaço pra ver tanta inocência. Ele compara o palhaço como uma criança, e isso agrada a criança e o adulto também, até porque o adulto começa a sentir graça do jeito dele. Medroso, outra hora quer ser muito valente... essa é a

atração da comicidade do circo que chegou a um ponto que as famílias até hoje não se afastaram.”

“Eu sou contra o palhaço falar besteira. Eu sou da cultura do meu avô. Meu avô levava o circo como se fosse uma responsabilidade muito grande. Ele falava ‘Dentro do circo, com uma ou 100000 pessoas dentro do circo, você trabalhando é a mesma coisa, o respeito é o mesmo, pode tá ali uma pessoa assistindo, você tem que manter o respeito porque ela veio pra te ver’. Agora o circo lotado: ‘Ah, agora eu vou trabalhar animado’. Não, não é assim. Ele ensinou que um bom artista é aquele que trabalha com uma pessoa, e trabalha como se tivesse 500 pessoas, então esse é o verdadeiro artista de circo. Quando o artista passa a avacalhar o espetáculo porque tem pouca gente, ele tá desrespeitando o próprio povo.”

“O artista de circo é um grande exemplo disso. Mostra que você é um filme, você não tá ali pra enxergar se tem muita gente, você tá ali pra trabalhar, pra responder aquilo que entrou lá [...]”

“Um espetáculo avacalhado ele dá uma repercussão muito mais do que um espetáculo cheio. ‘Ah, mas um espetáculo cheio todo mundo agrada, todo mundo sai falando bem’. Mas não funciona assim. Demora pra correr a notícia: ‘Ó, aquele circo é bom!’. Mas pra correr que é ruim, é rápido demais.”

“Ela ajudou muito no espetáculo. Hoje em dia muitos circos vivem da luz, da cor, de muitas coisas que eles inventam. Tem muito circo que tá botando aqueles raio laser.”

“É uma inovação para o circo isso. ‘Ah, mas na cidade grande todo mundo conhece’. Mas na cidade pequena não conhece.”

“Mas animais em circo foi pra levar a cultura nesses lugares onde eles não têm condições de ver um jardim zoológico, e eles viam o animal trabalhando. Muita gente falava: ‘Sou contra animal em circo’, mas o circo levava o animal e ele dava mais brilho no espetáculo cultural. Quando ele vê o que um cachorro consegue fazer com ele, dançar, e um cachorro fazer isso, fazer aquilo, você fica ‘Puxa vida, olha o que um cachorro faz’. É uma cultura...”

“Mostrando que o animal só é feroz porque ele enxerga a gente de outra maneira. Nós enxergamos ele como bicho, e ele enxerga a gente como bicho.”

“Eu acho que o circo mostrou na cultura o teatro bem feito, porque ele não tinha tanto recurso, como na TV mostra hoje as novelas, com aquele tanto de efeito. O circo consegue fazer um teatro e você imaginar tudo aquilo que a gente tá querendo que você entenda, sem recursos nenhum, só com cortina, cenários. E a pessoa vai acompanhando o primeiro ato e durante já tá doido pra ver o final do que vai acontecer.”

“O circo conseguiu colocar animais pra mudar a própria pessoa que enxergava o animal como um monstro, um negócio perigoso, feroz demais [...]”

“A dificuldade maior foi que no começo a gente pensou que seria uma coisa passageira, mas quando a gente viu que o negócio durou um ano e meio, como ficamos parados sem sair do lugar, foi quando começamos a ficar com medo do circo sair, ele ia desaparecer

naquela pandemia. Até porque o circo não possui um caixa que fala: ‘Não, podemos um, dois anos parados que tenho condição de viver com isso’. Não. O circo com um mês ele vai à falência. Não tem como você manter uma coisa que você só sabe fazer aquilo, você não tem habilidade pra outra coisa, e de uma hora pra outra fala ‘Ó, você não pode trabalhar’. E você fica pensando: ‘E agora? O que a gente vai fazer?’.”

“Mas aí vem a história do quanto a gente ainda é querido pelo povo, porque o povo acolheu mesmo. Nós chegamos a juntar na pandemia mais de 50 toneladas, 100 toneladas de alimento.”

“Então você começou a sentir uma firmeza de que fome você não ia passar, embora que podia ficar dois, três anos, nós tínhamos pelo menos alimentação e apoio.”

“A nossa família, em si, ela foi muito bem administrada pelos nossos pais, pelo meu avô [...]”

“Você procura manter a tradição. Essa história que o circo se superou... Não! O museu se superou? Não. Vai tantos e milhares de pessoas ver um museu porque eles querem entender uma história e nós levamos isso pra não acabar.”

“Olha, eu tô vindo aqui no circo de vocês porque quando eu era pequeno eu vinha aqui.”

“É por isso que hoje eu quero trazer meu filho, exatamente com cinco anos, vir assistir o espetáculo do circo quando eu era filho do pedreiro, porque meu pai trabalhou o dia inteiro pra conseguir assistir o circo.”

“Você consegue falar ‘Eu ainda vou viver 100 anos trabalhando com o circo’ porque são essas pessoas que incentivam. Mas agora se a gente for levar pra outro lado também de certas pessoas: ‘Rapaz, larga disso! Isso só dá problema!’, como muita gente já falou perto de nós. Se você olhar por essas pessoas você perde o estímulo.”

Tema: Os desafios enfrentados pelo circo

“O ponto mais positivo quando você trabalha com o circo é que você trabalha e consegue ater aquilo que você tem em mente. ‘Eu quero comprar uma lona nova’, você vai e compra. ‘Eu quero comprar um carro’, você vai, luta, trabalha e consegue comprar. Aquilo dá um estímulo que você se sente que tá no lugar certo, que você tá fazendo bem a alguém, você não tá ali só pra ganhar dinheiro.”

“O povo votou no senhor pra ver isso aqui desenvolver, com escola, com educação, com cultura, e o senhor tá travando a cultura. ‘Não, circo não é cultura não, circo só vem, trabalha, leva o dinheiro do povo e se manda’.”

“Então, o senhor tá proibindo o circo entrar? ‘Exatamente, eu não quero’.”

“O ponto mais importante quando você tem um circo na cidade é em primeiro lugar, é ver se o prefeito olha esse lado do circo, que ele tá trazendo diversão para o povo. E esse circo tem a obrigação de chegar na cidade e respeitar todo mundo, como todo mundo respeitar eles. Você sabe como chama os artistas lá na Europa? Doutor.”

“O circo não consegue sem apoio do povo, sem comentário do povo, você se sair bem de qualquer lugar [...]”

“Até porque eu já tô com 78 anos. Se eu morrer amanhã, quem é que tem uma ideia de tocar isso? Todo circo é igual reinado, vai saindo um, o outro vai chegando e sentando na cadeira. Mas pra ele sentar na cadeira, ele tem que tá junto ali vendo como comanda um reinado. Como ele vai saber se ele fica afastado, passeando?”

“É um ensinamento que você vai deixando. Esse ensinamento tem que ir passando, porque o dia que ele parar, acaba o circo.”

“Nós temos a Secretaria da Cultura, mas todo município não funciona nada. Se você vai lá pedir uma ajuda na Secretaria da Cultura de qualquer município, eles falam ‘Ô, rapaz, a gente não tem verba pra nada, nem pra botar um óleo numa máquina para limpar o terreno de vocês’. Então, o que a gente faz num interior que toda Secretaria de Cultura é falida? O cara não trabalha com nada. Se chega um dinheiro lá na prefeitura, quem embolsa é eles, mas que eles aproveitam aquele dinheiro.”

“Eles nunca imaginam, eles nunca fazem ideia que isso é uma cultura. Isso nós temos como exemplo de Brasília. Em Brasília, eles não tem como registro que circo é cultura, e isso há muitos anos foi decretado cultura.”

“A dificuldade do circo é tudo. Você depende da polícia rodoviária federal. Nesse ponto eles amortecem muito. Um circo não anda legalmente com esses carros, não têm como. Às vezes tá atrasado uma placa, isso aqui tá quebrado, e documento atrasado, documento que não passou ainda... Então, essas dificuldades. Embora que eles reconheçam, e falam ‘Não tá dentro da lei, mas nós vamos fechar o olho, até porque nós sentimos a dificuldade de vocês, vocês são itinerantes.’”

“Eles procuram ajudar pra coisa ficar mais fácil pra gente, porque eles sentem que o circo é uma dificuldade muito grande. Primeiro lugar, que eles não tem um terreno especializado. Quando você chega em certo interior, você tem que arrumar um terreno particular, ou alugar. Se você não tiver esses tipos de ajuda, o circo não consegue andar num país que você trabalha menos do que um valor do barzinho quando tem música ao vivo.”

Tema: Perspectivas futuras

“O circo vai modernizar mais ainda, mas ele não pode perder esse formato, até porque a atração do circo é isso. Se ele passar a levar o circo pra um teatro, ou um ginásio, ele acabou de ser circo, ele não é mais circo.”

“Ele pode ficar mais luxuoso, mais moderno por dentro, mas o dia que ele perder a lona, ele perde o interesse do circo. É a maior atração do circo.”

APÊNDICE H - ROTEIRO DO EPISÓDIO 1 - O QUE É O CIRCO?

No primeiro episódio da série “Por trás do picadeiro”, busquei realizar uma viagem histórica através das origens do circo. Além disso, convidei os artistas do Circo Real Português para explicar qual é o significado e a importância dessa modalidade artística no Brasil e no mundo.

Roteiro do Episódio 1 - O que é o circo? Por trás do picadeiro	
VINHETA Vinheta de entrada do podcast	L'entrée des gladiateurs (Marche)
LOC Apresentador André Martins contextualiza o ambiente circense no qual vai ser introduzido	André Martins: A alegria dos palhaços, a precisão das acrobacias, as luzes, as cores, o suspense durante os malabares... você provavelmente já deve ter se encantado com a magia de um espetáculo de circo! Nesta série de 4 episódios, você irá mergulhar no mundo da arte circense e conhecer a realidade por trás dos picadeiros do distrito federal.
SONORA 1 Cleibe Portugal, dono do Circo Real Português, responde a pergunta “O que é circo para você?”	Cleibe Portugal: O circo é o lugar da alegria.
SONORA 2 O professor de circo, Fábio Oliveira, explica o que o circo representa pra ele	Fábio Oliveira: Pra mim é a arte mais rica que tem... que conversa muito bem com outras artes... que é diretamente associada à música, a dança, a performance, ao teatro.
SONORA 3 Recém-ingressa no Circo Real Português, Isabella Moreira, fala sobre o que é o circo para ela	Isabella Moreira: Fazer as pessoas sorrirem, encantar as pessoas...

SONORA 4 A acrobata Juliana Portugal comenta o que o circo representa para ela	Juliana Portugal: É algo puro, é algo cultural, algo muito mágico e algo muito lúdico.
SONORA 5 Joice Portugal mora no Circo Real Português, é bailarina, e explica o que é o circo para ela	Joice Portugal: É a gente poder fazer pelo próximo.
LOC O locutor André Martins traz uma alusão histórica sobre as origens do circo	André Martins: Praticada há mais de quatro mil anos em várias civilizações da antiguidade, o circo começou a se desenvolver principalmente durante a Roma Antiga, com o Circo Maximus, por volta de quase 2500 anos atrás. Esse circo era a maior arena de entretenimento da época e sua maior atração eram as corridas de bigas, uma espécie de charrete puxada por dois cavalos, mas foi somente em 1768, com o inglês Philip Astley, que os circos ganharam características mais modernas e passaram a apresentar os tipos de arte que nós conhecemos hoje, como contorcionismo e acrobacias. André Martins: Desde a criação do circo de Philip, a arte circense agradou muito o público e passou a ser reproduzida em picadeiros do mundo inteiro. Divididos em famílias itinerantes, cada trupe levava seus espetáculos para as mais diferentes cidades, e por muito tempo foi uma das poucas opções de diversão para o povo, que dividia a atenção das crianças com as brincadeiras de rua da época. André Martins: Para a acrobata e bailarina Juliana Portugal, também herdeira do Circo Real Português, o circo é hoje uma das alternativas culturais mais acessíveis da sociedade.

SONORA 6 A entrevistada Juliana Portugal explica os benefícios do circo	Juliana Portugal: O circo é muito democrático, porque é uma cultura de fácil acesso, é uma cultura barata. O circo tá em cada bairro, em cada cidade... dificilmente uma cidade no Brasil não passa um circo.
LOC O locutor André Martins traz diferentes opiniões sobre a importância do circo dentro da sociedade	André Martins: Já a acrobata Joice Portugal defende sobre como o circo é uma modalidade artística e cultural que atravessa gerações, e é uma ótima alternativa de entretenimento para todos, desde crianças até idosos.
SONORA 7 A entrevistada Joice Portugal explica seu ponto de vista para defender a tese de que o circo é uma opção de entretenimento democrática	Joice Portugal: O circo é uma cultura muito diversificada porque você consegue atender todos os públicos, todas as pessoas, todas as faixas etárias, todas as classes sociais.
VINHETA Música de transição	L'entrée des gladiateurs (Marche)
LOC O locutor André Martins inicia um novo assunto: a extinção dos animais nos espetáculos circenses no Brasil	André Martins: Não é de hoje que as famílias tradicionais circenses se encontram presentes no dia a dia do imaginário brasileiro! Desde o século XIX, os ciganos vieram da europa e trouxeram para o Brasil ursos e animais exóticos, capazes de atrair multidões de curiosos. E tal como a família Portugal, trabalhando no picadeiro há quase 100 anos, os ciganos fizeram com que esse legado fosse passado de geração para geração. André Martins: Cleibe Portugal tem 78 anos e é um dos donos do Circo Real Português. Atualmente fora dos palcos, ele cuida apenas da parte administrativa do circo e entende mais do que nunca a importância de passar o conhecimento para outras pessoas sobre como gerenciar uma equipe circense.

SONORA 8 Um dos donos do Circo Real Português, Cleibe Portugal, comenta sobre o gerenciamento do picadeiro	Cleibe Portugal: Todo circo é igual reinado: vai saindo um, o outro vai chegando e sentando na cadeira. É um ensinamento que você vai deixando e esse ensinamento tem que ir passando, porque o dia que ele parar, acaba o circo.
LOC O locutor André Martins apresenta algumas transformações que o circo sofreu ao longo do tempo	André Martins: Durante esses quase 2500 anos, o circo passou por inúmeras transformações. O local de apresentação saiu de pistas de cavalos para palcos cobertos, e o que antes somente a elite tinha acesso, hoje em dia se tornou acessível para todos, afinal, seria impossível manter o mesmo de quase meio milênio atrás, né? André Martins: Uma das transformações marcantes da história do circo foi a extinção dos animais nos espetáculos. Esses bichos faziam piruetas, seguiam comandos e despertavam a curiosidade de como seres irracionais se comportavam como verdadeiros artistas. No entanto, os ambientalistas e defensores da causa animal levantaram questões acerca de maus tratos e exploração desses bichos. Até que por volta dos anos 2000, começaram a surgir projetos de lei que vetava o uso de animais nas apresentações por conta do aproveitamento lucrativo em cima deles, como diz a diretora da associação protetora dos animais do Distrito Federal Mara Moscoso.
SONORA 9 Mara Moscoso, diretora da Associação Protetora dos Animais, explica a legislação aplicada aos animais no Brasil	Mara Moscoso: No Brasil a gente tem a lei de crimes ambientais, que é uma lei federal de 98, que foi um grande avanço para a nossa legislação, que em um de seus artigos, o 32, fala justamente da questão dos maus tratos dos animais, tanto domésticos quanto silvestres, nativos que são brasileiros e nativos de outros países, como o leão, o elefante... ele não pode ser maltratado em lugar nenhum. Então, a gente tem essa legislação que nos baseamos.

LOC André convida Cleibe a explicar as maiores diferenças que o circo sentiu com a saída dos animais nos números de apresentação	André Martins: Já para Cleibe Portugal, dono do Circo Real Português, foi um choque muito grande saber lidar com a substituição dos animais. Ele defende que esses bichos incrementavam as apresentações e alegravam as crianças que nunca haviam ido ao zoológico.
SONORA 10 Cleibe Portugal comenta sobre o encanto que os animais traziam às apresentações	Cleibe Portugal: Animais em circo foi para levar a cultura nesses lugares onde eles não têm condições de ver um jardim zoológico. O circo levava o animal e ele dava mais brilho no espetáculo cultural.
LOC O locutor André Martins aborda os incrementos que o circo adotou ao longo das décadas para tornar o espetáculo ainda mais cativante	André Martins: Mas apesar da proibição do uso de animais nos espetáculos, o circo encontrou com o passar dos anos outras ferramentas que enriqueceram as apresentações. A tecnologia, por exemplo, foi uma grande aliada para os espetáculos circenses se transformarem em um verdadeiro show. As mesas controladoras de som, o desenvolvimento de tecidos mais resistentes para a lona, tudo isso é resultado dos avanços tecnológicos. O que antes se fazia com apenas uma luz branca simples, hoje se faz com diferentes jogos de luzes coloridas e efeitos especiais, como a fumaça e raio laser. André Martins: Cleibe Portugal, além de dono, é uma das principais cabeças pensantes que lidera o Circo Real Português. Com sua larga experiência de trabalho, afirma que a tecnologia aprimorou as apresentações.
SONORA 11 Cleibe Portugal comenta sobre a introdução dos jogos de luzes dentro dos espetáculos	Cleibe Portugal: Ela ajudou muito no espetáculo. Hoje muito circo vive da luz, da cor, de muitas coisas que eles inventam. Muitos circos já estão botando aqueles raio laser para trabalhar.
LOC O locutor busca entender a influência das redes sociais dentro das atividades do circo	André Martins: Além dos aparatos técnicos hoje presentes nas apresentações, a tecnologia também inseriu novos meios de comunicação, como as redes sociais. Essas novas mídias digitais se tornaram ferramentas importantíssimas de socialização, divulgação e entretenimento

	para o circo. Para a bailarina Juliana Portugal, que também trabalha no marketing do Circo Real Português, as redes sociais foram de extrema importância no projeto de propaganda do circo. De acordo com ela, é uma opção muito mais barata e que gera resultados tão bons quanto se a divulgação fosse feita em televisão.
SONORA 12 Juliana Portugal, responsável pelo marketing do Circo Real Português, agradece a utilização das redes sociais para divulgação do circo	Juliana Portugal: Essa é a mudança da gente ver a tecnologia entrando: você conseguir fazer divulgação que é muito mais barata que antigamente, porque antigamente você tinha que fazer em televisão e gastava muito, e se você não tinha, você nem fazia. Hoje em dia com dez por cento do que você gasta na televisão, você coloca um “patrocinado” numa rede social e todo mundo vê. porque a televisão, poucos estão ali assistindo nesse horário, a maioria estão trabalhando, mas no celular todo mundo tá.
LOC O locutor André Martins comenta sobre os desafios que a tecnologia trouxe para o mundo do entretenimento	André Martins: Mas como nem tudo são flores... a tecnologia também se tornou um dos grandes motivos do distanciamento de jovens do circo. A presença do celular, do videogame e do computador na rotina de crianças e adolescentes, fez com que eles diminuíssem o consumo de diversão fora do mundo virtual. Juliana Portugal, que lida com o gerenciamento das mídias do Circo Real Português na internet, nota a diferença do consumo de entretenimento pelo celular e pessoalmente no circo. Para ela, o circo é uma opção de lazer muito mais saudável do que os jogos e brincadeiras que a internet oferece. Não há violência, julgamentos e maldades e ainda convida os pequenos a frequentarem cada vez mais o circo.
SONORA 13 A entrevistada Juliana Portugal defende o consumo de apresentações circenses por parte das famílias	Juliana Portugal: Toda criança devia vir ao circo. Hoje em dia é videogame, é internet, é rede social, e é muita coisa pesada, uma rede social hoje agrava a questão de crimes, de suicídios, de depressão, porque é um lugar muito julgado, sofrem hate, a pessoa tem que ser perfeita, e eu acho que as crianças hoje em dia estão muito nesse

	mundo. E o circo não, o circo é aquilo antigo, não tem violência, você pode vir com sua família, não tem nada que vai constranger você vir com sua família, então é algo puro, é algo cultural. Então assim, o circo é algo muito mágico e lúdico.
LOC A importância do circo como válvula de escape dos problemas do dia-a-dia	André Martins: Não importa a idade, toda pessoa vira criança quando tá no circo. Em uma hora e meia de espetáculo, você é levado a se afastar da realidade e os problemas do dia-a-dia passam a ser preenchidos por risadas e aplausos.
LOC O locutor André utiliza dos moradores do circo para explicar o quão importante é manter o legado circense	André Martins: O circo é uma cultura milenar que tem como objetivo levar alegria para o povo. Elinaldo Conceição e Isabella Moreira não nasceram em família circense, mas hoje vivem e trabalham no Circo Real Português, e entendem a importância de manter a arte circense viva. Para eles, acabar com esse legado é acabar com a felicidade de muita gente, é tirar o sorriso do rosto das pessoas.
SONORA 21 DJ e piloto de moto do globo da morte, Elinaldo comenta sobre o valor de existir o circo	Elinaldo Conceição: Isso é uma coisa que não deveria morrer, porque é uma coisa de vários anos, e deixar acabar assim é tirar a felicidade de muita criança.
SONORA 22 Residente no Circo Real Português, Isabella fala da importância do circo existir	Isabella Moreira: As pessoas tem que vir pra ver a cultura. Cada um tem um chamado diferente e as meninas aqui tem pra fazer as pessoas sorrirem, encantar as pessoas.
LOC André aborda o papel social que o circo exerce dentro das comunidades	André Martins: O circo distrai o agitado, congela o apressado, conquista o zangado, mas principalmente tira as gargalhadas mais sinceras do público estagnado no infinito ciclo de trabalho, dentro de escritórios e papeladas. André Martins: Promover o bem-estar do outro é a tarefa primária daqueles que trabalham no circo. Por isso, além de levar alegria, o circo também promove ações sociais. A acrobata Joice Portugal lidera os projetos sociais atrelados ao circo e explica

	a experiência de se apresentar exclusivamente para crianças com câncer. Ela afirma que essas crianças, ao entrarem debaixo da lona, deixaram para trás suas preocupações e se preencheram unicamente com a magia do espetáculo circense. Conseguiram, pelo menos um pouco, transformar o sofrimento em sorrisos.
SONORA 23 Joice Portugal relembra a ação social que o Circo Real Português fez com crianças com câncer	Joice Portugal: Todas aquelas crianças que estavam ali passando por tratamento, sofrendo de alguma forma, elas esqueceram tudo. E aquele sorriso é nosso combustível que faz a gente conseguir manter a arte viva.
LOC André se despede do público e convida para o próximo episódio	André Martins: O circo é plural, diversificado e importante para a sociedade. É teatro, é dança, é performance, é arte. Está marcado pelas inúmeras viagens, mas com o objetivo de tirar um sorriso por cada lugar que passa. Nesse primeiro episódio, você viu um pouco sobre como foi a história do circo e a importância dele para a sociedade, já no próximo você vai mergulhar na história de vida desses artistas e entender o porquê enfrentar uma vida tão agitada para manter a existência de uma arte. Te vejo lá! Tchau, tchau.
FECHA Vinheta de encerramento	La foggeracia

APÊNDICE I - ROTEIRO DO EPISÓDIO 2 - POR QUE SER ARTISTA DE CIRCO?

Para o segundo episódio, o roteiro foi pensado com o objetivo de buscar entender as razões, os sentimentos e a história que faz cada artista do Circo Real Português permanecer vivendo uma vida itinerante.

Roteiro do Episódio 2 - Por que ser artista de circo? | Por trás do picadeiro

VINHETA Vinheta de entrada do podcast	L'entrée des gladiateurs (Marche)
LOC O apresentador André Martins narra as atividades rotineiras de um dia comum de espetáculo no Circo Real Português	André Martins: Às seis da tarde, começam a se arrumar. Faz a maquiagem, separa o figurino, monta o cabelo. Às sete, se preparam para receber o público. Organizam as cadeiras da plateia, esquentam o óleo do pastel e do churros, e dividem os ingressos na bilheteria. Às oito, o espetáculo começa! Senhoras e senhores, sejam bem-vindos ao Circo Real Português!
ABRE Música de abertura	Angry birds rio samba
LOC Apresentação do episódio e introdução ao tema: a vida dos artistas circenses	André Martins: Noite de preparação para receber o público, últimos ajustes para dar início ao espetáculo, as luzes aos poucos se acendem, enquanto há uma música animada de fundo. Mas além dessa agitação dos dias de espetáculos, os artistas de circo ainda enfrentam uma série de desafios nos bastidores que pouca gente sabe! Prefeituras que negam a instalação do circo em certas cidades, falta de água e energia em locais recém-instalados, desvalorização do preço do circo e outras várias dificuldades. Que não é fácil, isso a gente já sabe, mas nesse segundo episódio da série “Por trás do picadeiro”, vamos mergulhar nas emoções dos artistas e descobrir suas paixões para entender a verdadeira razão que os fazem continuar nessa vida itinerante, percorrendo o mundo e levando arte e alegria a cada lugar que recebe o circo e sua magia. André Martins: Para entrar no universo desses artistas, é preciso conhecer a trajetória de cada um deles e vislumbrar o quanto o circo foi local de refúgio e salvação na vida dessas pessoas. Elinaldo Conceição, por exemplo, hoje vive e trabalha no Circo Real Português, com o

	som e o globo da morte, mas nem sempre foi assim. Antigamente, ele morava na periferia de Brasília, na cidade de Ceilândia, e antes mesmo de completar a maioridade, Elinaldo se encontrou em apuros ao ser expulso de casa aos 17 anos pelo próprio pai. Sem saber para onde ir, enxergou no circo sua única opção.
SONORA 1 Elinaldo Conceição, técnico de som e piloto de moto no globo da morte, explica como chegou para morar no circo	Elinaldo Conceição: Eu morava com meu pai, e me mandou embora pra fora de casa com 17 anos de idade. Um dia ele chegou bêbado e só falou: “Você tem uma semana pra sair de casa”. E eu: “E agora pra onde eu vou?”. Aí eu “Não sei pra onde eu vou”, aí fui procurando, procurando e vi o circo, e falei: “Minha oportunidade só é essa”. Aí conversei com o pessoal e eles falaram: “Se você quiser ficar por sua conta e risco”, aí eu permaneci e é até hoje.
LOC O apresentador explica a história de superação de Elinaldo e sua atual rotina no Circo Real Português	André Martins: Hoje o DJ Elinaldo tem 23 anos, e durante esses seis anos vivendo no circo se sentiu mais acolhido do que todos seus anos vivendo fora dele. Lá encontrou pessoas que considera hoje como sua verdadeira família, e apesar de ter passado 17 anos morando na cidade, assim como a maioria das pessoas, ele afirma que desde quando chegou no picadeiro já se sentiu em casa.
SONORA 2 O entrevistado relata o acolhimento que sofreu ao chegar no circo	Elinaldo Conceição: Eu vim da cidade pro circo e me senti acolhido por não ter uma família, então eu me senti como se estivesse em casa, como se minha família fosse o pessoal do circo.
LOC Apresentação de Isabella Moreira, integrante do Circo Real Português e recém-ingressa	André Martins: Nascida na cidade de Recanto das Emas e vinda para o circo depois de adulta, tal como Elinaldo, Isabella Moreira tem 21 anos e hoje também vive e trabalha no circo. Ela ingressou em 2021 e é a integrante mais nova a entrar na trupe do Circo Real Português. Por enquanto suas funções são apenas fora dos palcos, como vender fotos, atender na bilheteria e recepcionar o público. No entanto, diferentemente de Elinaldo, Isabella escolheu viver no circo por livre e

	espontânea vontade, no auge dos seus 20 anos. Ela abandonou o emprego de auxiliar contábil que exercia na época, e mesmo sem parar de se dedicar à faculdade de contabilidade, ainda foi alvo de inúmeras críticas, de amigos e familiares, ao se mudar para viver com a família circense Portugal. Apesar dos comentários negativos sobre sua decisão de morar no circo, ela não descartou a ideia e defendeu que não devemos satisfazer os outros, mas sim a nós mesmos.
SONORA 3 A entrevistada explica as dificuldades que sofreu ao sair de sua vida comum na cidade e ir morar no circo	Isabella Moreira: No começo, fiquei muito triste, porque me criticaram bastante. Falavam “você já tem um futuro pela frente... você deixou uma oportunidade dessa pra trás pra vim pro circo...”. mas a gente tem que ir pra um lugar que a gente gosta, que a gente se sente bem, não é pra agradar os outros, a gente tem que satisfazer a gente. No começo eu chorava, fiquei triste, mas depois passou.
LOC A partir das falas da entrevistada, o apresentador promove uma reflexão acerca da vida tradicional imposta pela sociedade	André Martins: Mas porquê se mudar para o circo? Bom, a estudante de contabilidade Isabella Moreira nega a ideia que devemos viver de forma tradicional, onde a vida se resume a acordar, trabalhar e dormir, e explica isso refutando os padrões de vida da sociedade. Ela não quer se graduar, ter filhos e trabalhar na mesma profissão até ficar velha, assim como a maioria das pessoas. Isabella enxerga o circo como uma possibilidade muito mais vasta de experiências e aventuras do que a rotina tradicional de um trabalhador comum.
SONORA 4 Isabella Moreira desabafa sobre os padrões de vida que foram impostos à ela	Isabella Moreira: É um círculo! Você estuda, trabalha, se forma, trabalha naquela área, tem seus filhos, fica velhinho, tudo a mesma coisa! Aqui no circo não, você vem pro circo, casa com alguém do circo, vira artista circense, tem filho circense, aí você roda a cidade... imagina morar assim! Você não tem uma casa fixa, você fica rodando... é uma coisa diferente! Não gosto de ficar só no cantinho fechado, ficar trabalhando sentadinha no escritório sozinha. Ficar no padrão da sociedade não dá não!

LOC O locutor conduz a entrevista para entender como as crianças iniciam suas apresentações no circo	André Martins: Segundo a escritora Alice Viveiros de Castro, que desenvolve trabalhos sobre o universo circense, atualmente existem mais de 2000 circos espalhados pelo Brasil. A grande maioria são formados por famílias circenses tradicionais, que passam de geração para a geração o legado dos espetáculos e das vivências no circo. Nascer nesse tipo de família é a forma mais fácil de fazer parte de um circo, porque desde criança, cada integrante da trupe tem suas habilidades artísticas desenvolvidas e iniciam cedo os trabalhos se apresentando nos palcos. André Martins: Um bom exemplo disso é Joice e Juliana Portugal, que são irmãs, nascidas e criadas no Circo Real Português. Hoje em dia, além de bailarinas e acrobatas, Joice é responsável pelo setor administrativo e financeiro do circo, enquanto Juliana cuida do marketing. Elas relembram a infância e afirmam como os filhos de pais circenses se inserem naturalmente nas apresentações dos espetáculos, e, principalmente, a partir dos gostos das próprias crianças. Joice, por exemplo, pisou no palco pela primeira vez aos quatro anos, como assistente de mágica, e desde então nunca parou. Atualmente ela faz acrobacias pendurada num tecido suspenso no teto do circo e participa das danças, e relembra que desde criança ela brinca de circo, imitando os adultos no picadeiro.
SONORA 5 Joice Portugal afirma que naturalmente cada criança escolhe seu número de apresentação por afinidade	Joice Portugal: A criança de circo brinca de circo. A gente ia pro picadeiro e tentava fazer o que os outros faziam, os adultos. Então nossa brincadeira era brincar de circo, era ser a bailarina, ser a mágica, ser a trapezista... e a gente brincando a gente acaba aprendendo, e na brincadeira a gente acaba descobrindo o que mais gosta, sua área no circo.
LOC O apresentador André Martins indaga os	André Martins: Desde pequenos, os artistas circenses nascidos em famílias tradicionais de circo experimentam as

personagens para entender os motivos de continuarem trabalhando e vivendo num circo	diferentes modalidades de números de apresentação, até encontrarem as que mais se identificam. A grande maioria permanece no circo, se apresentando e mantendo a herança cultural dos pais. E quando questionados do porquê continuam vivendo no picadeiro, a emoção é tão grande que não cabe em palavras. A acrobata Juliana Portugal, por exemplo, tenta explicar o amor pelo circo, utiliza até das suas origens familiares, mas mesmo assim é algo difícil de mensurar.
SONORA 6 Juliana Portugal explica que o amor de circo é um amor inexplicável e só quem nasce nele entende	Juliana Portugal: Tem gente que fala que quem bebe da água da lona fica... quem nasce no circo tem uma raiz, é um amor que eu não sei explicar, porque você não nasceu aqui.
LOC O apresentador conduz a entrevista para compreender a vida acadêmica dos artistas circenses, desvendar as dificuldades e seus principais objetivos nos estudos	André Martins: E se enganam aqueles que pensam que o circo impossibilita os estudos. Muitas ideias pré-estabelecidas sobre artistas de circo definem a jornada dessas pessoas voltada exclusivamente para a atuação em cima dos palcos, mas para quem vive no circo, não é um absurdo ser um palhaço de noite e um advogado de dia, como muitos pensam. André Martins: Um bom exemplo disso é a experiência da acrobata e bailarina Joice Portugal, que ao entrar na faculdade de enfermagem aos 32 anos, foi alvo de diversos questionamentos. Seus colegas de curso não entendiam o desejo dela de se profissionalizar em uma área distante do campo artístico, principalmente na área da saúde. Sendo que para Joice, a enfermagem é uma profissão que compartilha do mesmo propósito do circo, que é ajudar pessoas.
SONORA 7 Joice Portugal relata sua experiência sendo artista de circo e estudante de enfermagem	Joice Portugal: Perguntavam “por que você escolheu enfermagem? É tão diferente do circo! O circo é alegria...” e as pessoas associam você trabalhar na área da saúde como uma parte triste da história. O circo também é essa questão de ajudar o próximo com a nossa ferramenta de trabalho. Na enfermagem eu via muito isso, porque você tá ali pra ajudar o próximo, para dar

	assistência.
LOC O apresentador explica as carreiras acadêmicas assumidas pelos integrantes do Circo Real Português, como enfermagem e marketing	André Martins: Mas mesmo com as críticas negativas e a incompreensão dos colegas de sala sobre a escolha do seu curso, Joice terminou a faculdade de enfermagem aos 37 anos. E não foi a única a ter um curso superior na família Portugal. A acrobata Juliana, por sua vez, se formou em marketing e passou a ajudar nas publicidades do Circo Real Português. Mesmo depois de formada, ela preferiu aplicar seus conhecimentos da faculdade no próprio circo e diz que o amor e o legado da família Portugal são grandes influências para permanecer no picadeiro. Juliana tem um amor inexplicável pela arte, que torna impossível qualquer tentativa de abandonar o circo.
SONORA 8 Juliana afirma que apesar de ter feito ensino superior, não há nada que se comparou com o amor de trabalhar no circo	Juliana Portugal: Eu estudei, eu fiz faculdade, mas nada me prendeu lá fora ao ponto de querer sair daqui... é um amor pela arte, é um amor que vem de família, a gente tem uma história muito grande pra carregar e isso pesa. Você já vem de uma família que tem uma tradição de muito tempo, então isso é mais uma influência para você continuar.
LOC Apesar das dificuldades (que não são poucas), o locutor aborda os anseios e paixões dos artistas circenses pelo circo	André Martins: São várias as dificuldades que os artistas de circo enfrentam... tem as estradas com buracos para cidades do interior, os documentos pendentes dos caminhões, a demora para instalar água e energia nos pontos que o circo acaba de chegar, a desvalorização da arte, entre várias outras. Porém, a recompensa dessas pessoas é tão grande que eles acabam tendo muita força de vontade para superar cada dificuldade. Letycia Portugal, de 16 anos, e Iasmin Portugal, de 13, são as artistas mais jovens do Circo Real Português e de toda geração familiar. Letycia faz o número com os bambolês, enquanto Iasmim apresenta o contorcionismo. E mesmo tão novas, elas enchem o sorriso para falar o quanto amam trabalhar no circo e ter a oportunidade de viajar e conhecer diversos lugares e pessoas.

SONORA 9 Iasmin Portugal, contorcionista e bailarina, relembra os pontos positivos de trabalhar e morar no circo	Iasmin Portugal: O público, viajar, as aventuras... é muito bom! É diferente das outras pessoas! Eu amo o circo!
SONORA 10 Letycia Portugal faz o número de bambolês no Circo Real Português e comenta os benefícios de morar e trabalhar no circo	Letycia Portugal: Conhecer várias cidades novas, ter várias amizades, em todos os cantos... o circo te torna conhecido também!
LOC O locutor busca compreender o porquê é tão especial viver no circo, como afirmam os integrantes da trupe	André Martins: A acrobata Juliana Portugal ainda enxerga mais outros pontos positivos de trabalhar no circo. Para ela, é muito enriquecedor ter a oportunidade de conviver com diferentes culturas, a partir de viagens para diferentes cidades. É uma troca de ensinamentos, aprendizados e experiências com os povos de cada destino.
SONORA 11 Juliana, uma das filhas do dono do circo, explica seus diferentes motivos para seguir tendo uma vida itinerante no circo	Juliana Portugal: Eu acho muito rico culturalmente de morar no circo. Você aprende tanto viajando, tanto no convívio diário aqui dentro. O que eu acho mais interessante é que você convive com pessoas de diversos estados, diversos países, com culturas totalmente diferentes, com linguagens totalmente diferentes, com costumes, e você acaba se acostumando e aprendendo, tanto comida, quanto artesanato, folclore, danças...
LOC O locutor encerra o assunto e relembra os principais motivos da magia de trabalhar no circo, de acordo com os moradores.	André Martins: O amor pela arte, a possibilidade de conhecer vários lugares, o carinho do público ou até mesmo a adrenalina em cima do palco. Nesse episódio, apresentamos algumas das diversas razões que fazem os artistas de circo superarem os desafios do dia-a-dia e se apresentarem para milhares de pessoas toda semana! Caminhamos pela trajetória de vida de cada um deles e entendemos que o circo vai além do que acontece debaixo dos holofotes. É uma comunidade muito unida, que acolhe e ajuda quem vem de fora a reestruturar sua vida. Eles trabalham em prol da alegria do próximo, onde essa alegria, na verdade, parte da própria vivência entre eles. No próximo episódio

	da série “Por trás do picadeiro”, você vai acompanhar a rotina, as obrigações e as atividades que os artistas do Circo Real Português realizam durante um dia inteiro. Vamos entender ainda mais como é viver e trabalhar num circo, partindo das vivências das próprias pessoas que moram lá. Te espero, viu? Tchau, tchau.
FECHA Vinheta de encerramento	Becoming one of “The People” - Becoming One With Neytiri (05) - James Horner

APÊNDICE J - ROTEIRO DO EPISÓDIO 3 - COMO É A ROTINA DE UM ARTISTA CIRCENSE?

No terceiro episódio da série “Por trás do picadeiro”, há uma imersão na rotina dos artistas do Circo Real Português. É possível acompanhar os afazeres desses personagens desde o momento em que acordam até a hora de dormir.

Roteiro do Episódio 3 - Como é a rotina de um artista circense? Por trás do picadeiro	
VINHETA Vinheta de entrada do podcast	Entrée des clowns - En sifflant la Polka
LOC O apresentador André Martins introduz o tema com referências de como é viver no circo	André Martins: Imagina trabalhar viajando... não, você não é um diplomata! Imagina então morar em um trailer... não, você também ainda não é tão desconstruído assim! Beleza, mas e se eu vivesse da arte, se apresentasse em diferentes cidades, mudasse de colégio várias vezes no ano... Ei, essa daí parece a vida dos artistas de circo e é exatamente o tema do nosso terceiro episódio da série “Por trás do picadeiro”. Hoje vamos explorar o que as pessoas que moram em circo fazem, desde quando acordam até a hora de dormir, e entender quais são as tarefas diárias dessas

	peessoas e o que as diferem de um trabalhador comum que vive na cidade.
ABRE Música de transição	Becoming one of “the people” - Becoming one with Neytiri (05) - James Horner
LOC O apresentador contextualiza sobre as curiosidades que existem acerca de como é viver no circo	André Martins: Uma forma muito particular e uma gíria usada nos ambientes de circo para indicar quem vive fora do picadeiro é chamar “de cidade”. E para quem é “de cidade”, a vida de quem mora no circo é fator de grande curiosidade, e algumas dúvidas são sempre recorrentes. Como assim eles vivem dentro de um trailer? Como eles transportam uma lona tão grande para diferentes cidades? Crianças trabalham nesse lugar??? Bom, esses são apenas alguns dos questionamentos de quem tem interesse em saber como é ter uma vida sem local fixo de moradia. E esse episódio vem exatamente para esclarecer as dúvidas e entender, de fato, como é possível ser itinerante no Brasil. André Martins: Apesar de viverem em comunidade e terem atividades compartilhadas, há também tarefas exclusivas de cada integrante do circo. Ou seja, cada membro da família tem suas próprias obrigações e compromissos diários.
LOC O locutor busca apresentar como funciona a logística de convivência no Circo Real Português	André Martins: O Circo Real Português, localizado em Brasília, é formado pela família Portugal e conta atualmente com quase 30 pessoas morando juntas. O terreno fica cercado por grades e caminhões para delimitar o espaço do circo e afastar possíveis invasões. Os trailers se espalham pelo terreno em volta do picadeiro e representam a residência de cada um. Cada trailer contém quartos, salas, cozinha e banheiro, e possuem todos os móveis e eletrodomésticos tal como uma casa tradicional. Há trailers maiores, e também menores, de acordo com o número de pessoas que moram nele. E para quem acha pequeno, ainda sobra espaço para ter seu animalzinho de estimação, uma das características em comum entre quase todos

	os trailers do circo.
LOC O apresentador convida a acrobata Juliana Portugal a se apresentar e explicar como é a sua rotina	André Martins: Uma das moradoras do Circo Real Português é a acrobata Juliana Portugal, que nasceu no Circo Real Português em 1988, e desde então a lona se tornou seu espaço de trabalho, mas também de descanso! Hoje em dia, Juliana se apresenta fazendo acrobacias pendurada no tecido, participa das danças e também é assistente de mágica quando necessário. Mas além dos números apresentados no palco, Juliana lida com os documentos e a divulgação do circo, e diz que tirando essas obrigações, tem uma vida normal, assim como qualquer outra pessoa. Em seu dia-a-dia, ela busca praticar exercícios físicos, fazer as atividades domésticas, como limpar a casa, e sobretudo, trabalhar nas tarefas que o circo exige. Afinal, diferentemente do que muitos pensam, o circo requer muito mais do que apenas ensaios para os espetáculos, há também pagamentos de funcionários e outras burocracias de manutenção do circo, como a documentação necessária para o seu funcionamento.
SONORA 1 A entrevistada discursa sobre as atividades que realiza morando no circo	Juliana Portugal: A gente tenta fazer a vida normal: ir pra academia, ter a vida de dona de casa, limpar, cuidar da casa, ir no supermercado... E tem as tarefas do circo, porque tem muita parte burocrática. Tem que ter documentação, pagamento de funcionários... E além disso, você tem a divulgação, contratação de carro de som, panfletagem... Então, tudo nisso eu trabalho um pouco.
LOC O apresentador introduz novos entrevistados para explicar o que costumam fazer durante um dia morando no circo	André Martins: Para os adultos, a maioria de seus compromissos se resolvem no próprio circo. Entre eles mesmo é possível definir as rotas das viagens, os pagamentos dos funcionários e a preparação para os espetáculos. Ou seja, dentro do circo eles já atendem suas próprias necessidades. Já os jovens circenses dividem parte do tempo para escola ou faculdade. Isabella Moreira, por exemplo, tem 21 anos e cursa contabilidade. Ela mora no circo há menos

	de 2 anos, mas foi o tempo suficiente para organizar sua rotina entre os estudos, as atividades domésticas e as funções no picadeiro. Isabella explica que já pela manhã começa trabalhando nas tarefas do circo e durante a semana finaliza o dia indo para a faculdade. Já nos finais de semana, a noite também é voltada para as obrigações do picadeiro.
SONORA 2 A recém-chegada no circo, Isabella Moreira, conta quais são suas obrigações quanto moradora do Circo Real Português	Isabella Moreira: Durante o dia a gente entrega bônus, que são aqueles panfletinhos na rua pras pessoas. Geralmente, a gente entrega de manhã e, às vezes, à tarde. De manhã eu tô entregando com as meninas, quando é a tarde, a gente arruma a casa, lava uma roupa, dobra as roupas, guarda as coisas... Durante a semana, de segunda a quinta, eu vou pra faculdade, dá 18h eu vou, então não tô aqui pra ajudar. Quando é final de semana, 18h a gente começa a se arrumar, porque quando dá 20h a gente tem que tá na portaria pra abrir.
LOC O apresentador inclui o tema “estudos durante a infância” para a realidade de crianças circenses	André Martins: Durante a fase escolar, as crianças de circo estudam normalmente, tal como crianças de cidade. Elas seguem horários e fazem provas e trabalhos. Ou seja, mostra que diferentemente do que se pensa, a vida no circo não substitui necessariamente os estudos de crianças. Iasmin Portugal, por exemplo, tem apenas 13 anos e trabalha no Circo Real Português como contorcionista e bailarina desde pequena. Ela estuda pela manhã, ensaia à tarde e em dias de espetáculo se apresenta à noite. Iasmin explica que por mais que mude de escola a cada vez que o circo muda de lugar, não é difícil acompanhar os estudos, até porque eles esperam épocas específicas do calendário escolar para mudar de colégio e facilitar a entrada e a saída de diferentes escolas. Isso faz com que não atrapalhe tanto o aprendizado da aluna.
SONORA 3 A acrobata Iasmin Portugal, de apenas 13 anos, conta como é manter a frequência nos estudos, mesmo trabalhando desde pequena	Iasmin Portugal: É tranquilo em relação à escola. Assim que a gente chega, os professores já sabem que a gente é do circo, e a gente sempre vai pra escola no começo do bimestre, pra não chegar na metade. Aí

	toda vez a gente espera o bimestre acabar numa escola para poder mudar pra outra. Mas é tranquilo. Os professores são muito legais e é rápido de fazer amigos.
LOC O apresentador explica a adaptação que deve ser feita na rotina de estudos de crianças circenses frente à crianças não-circenses	André Martins: Antes mesmo de entrar na escola, os professores já sabem que determinadas crianças vieram do circo e desenvolvem métodos para que a adaptação no novo colégio seja tranquila para os pequenos. No entanto, para os colegas de classe é sempre uma surpresa. A contorcionista Iasmin Portugal frequentemente acaba virando o centro das perguntas na sala de aula. Praticamente se torna uma atração para os demais alunos, por trabalhar e viver no circo. Ela comenta que a curiosidade é tão grande que chegam a visitá-la em dias de apresentação.
SONORA 4 A aluna e circense, Iasmin Portugal, relata a curiosidade dos colegas da escola em entender como é a vida no circo	Iasmin Portugal: É algo muito diferente. Eles falam como é morar no circo, como é estudar... Eles ficam bastante curiosos. E às vezes vem aqui também me visitar.
LOC O apresentador busca entender os planos acadêmicos da artista mirim Iasmin Portugal	André Martins: Apesar de ter apenas 13 anos, a contorcionista Iasmin Portugal consegue se organizar e lidar muito bem com os compromissos da escola e do circo. Inclusive, não pensa em largar os estudos tão cedo e já cogita uma possível faculdade. Atualmente, por conta das produções artísticas de figurinos para os espetáculos, moda é sua principal opção.
SONORA 5 A entrevistada Iasmin Portugal planeja uma carreira futura no ramo da moda após terminar o colégio	Iasmin Portugal: Eu penso em fazer uma faculdade, mas não deixar o circo, só pra mesmo me especializar em alguma coisa. Mas ainda tô vendo o que quero... eu gosto muito de moda, penso em moda, porque tem algumas coisas relacionadas ao circo.
LOC O apresentador traz um momento de entendimento acerca do planejamento das viagens do circo e como funciona a documentação necessária para isso acontecer	André Martins: E além dos estudos, dos ensaios e das apresentações no palco, os artistas de circo também dedicam parte do tempo para o planejamento de viagens e acerto de contas e documentos com a prefeitura da cidade onde estão. A acrobata Juliana Portugal, filha de um dos donos do

	Circo Real Português, explica que as rotas das cidades que eles percorrem seguem o conhecimento e a experiência de seu pai, Cleibe Portugal. Para eles, há cidades boas para o circo, onde lucram financeiramente e são bem recebidos pela população, mas há aquelas que evitam passar, pois não há recompensas tão grandiosas que valha a pena o esforço.
SONORA 6 Juliana Portugal comenta sobre as rotas pelo Brasil que são proveitosas para o lucro do circo	Juliana Portugal: Meu pai que já conhece muito as cidades do interior, as cidades do Brasil todo, ele já sabe que tem uma rota. “Essa rota não é boa pra circo, todo mundo que vai perde, mas esse lado aqui o povo gosta mais”... Então já tem tudo isso que vem de anos! Tem cidades que todo mundo sabe que é bom pra circo, e tem cidades que todo mundo sabe que é ruim pra circo, e a cidade boa pra circo sempre é a mais procurada, você tem que entrar antes de outro circo entrar.
LOC André busca abordar e entender quais são os momentos de lazer e descanso dos artistas de circo	André Martins: No entanto, a rotina de artistas circenses também é recheada de muita diversão e lazer. Segunda-feira, por exemplo, é o dia de folga, após um final de semana cansativo de trabalho, e é quando eles podem descansar e curtir fora do picadeiro. Ir ao shopping, cinema, teatro e shows são seus principais planos. A acrobata Joice Portugal diz que a programação do “<i>day off</i>” varia de acordo com a exaustão dos artistas pós espetáculos, e que ao mesmo tempo que querem passear e curtir um cinema, por exemplo, também apoiam ficar vendo televisão no conforto de casa.
SONORA 7 Joice Portugal, herdeira do Circo Real Português, comenta sua programação favorita em dias de descanso	Joice Portugal: Tem dias de folga que eu quero fazer tudo fora: ir no cinema, ir passear, ir aproveitar... mas tem dias de folga que eu quero fazer exatamente nada... ficar dentro do trailer, só assistindo TV, principalmente quando é aqueles finais de semana muito cansativos, que a gente trabalha três, quatro sessões e é aquela loucura. Aí às vezes eu quero ficar quietinha em casa.

LOC O apresentador André Martins convida o DJ do circo, Elinaldo Conceição, para falar sobre responsabilidades e obrigações	André Martins: E mesmo com a folga, os artistas de circo são exemplo quando se trata de responsabilidade. Passou segunda-feira, a rotina desses artistas está de volta! Na terça, é hora deles se preparem para os ensaios, lavarem seus figurinos, imprimirem os panfletos de divulgação e começar de fato a semana. Afinal, como diz o DJ do Circo Real Português, Elinaldo Conceição, tudo é permitido na segunda, no entanto é preciso ter responsabilidade para que na terça o circo possa contar com suas tarefas no picadeiro.
SONORA 8 Elinaldo, DJ do Circo Real Português, confirma o compromisso que se deve ter com as atividades do circo	Elinaldo Conceição: Na segunda-feira que é o dia da folga, você pode fazer o que quiser, sair, portanto que chegue na terça para poder cumprir com suas obrigações.
LOC André chama Isabella Moreira para explicar como é viver uma vida em comunidade, tal como é no circo	André Martins: Mas uma das características majoritárias que marca mesmo a vida no circo é a vida em comunidade. Apesar de cada trailer estacionado no gramado do circo ter famílias diferentes, com responsabilidades e tarefas individuais, a convivência dos artistas circenses se dá em grande parte em conjunto. Eles almoçam juntos, distribuem panfletos juntos, assistem filmes juntos... e para a recém-chegada no circo Isabella Moreira, essa rotina compartilhada é o que ela mais gosta! Ao chegar no circo com seus 20 anos de idade, Isabella encontrou uma vida em coletividade que a faz sentir em uma grande família.
SONORA 9 Isabella trabalha vendendo ingressos e fotos no Circo Real Português e diz que ama compartilhar sua rotina com outras pessoas. Para ela, os momentos em que está acompanhada são os mais especiais	Isabella Moreira: Aqui eu convivo com mais pessoas. É como se fosse minha família. Aqui a gente toma café juntos, a gente almoça juntos, a noite tá todo mundo reunido. Então, eu gosto do convívio que a gente gosta, todo mundo junto.
LOC O apresentador retoma os principais pontos abordados no episódio e conclui o assunto	André Martins: Como podemos ver, o circo tem uma rotina diferente da maioria das pessoas, foge do tradicional, gera dúvidas e curiosidades, mas encanta quem conhece! Nesse episódio da série “Por trás

	do picadeiro”, a gente descobriu um pouco como as pessoas vivem e trabalham no circo. Nós mostramos como as crianças estudam mesmo viajando tanto, como dividem os horários de ensaios e compromissos domésticos, e as obrigações de cada um deles durante o dia. mas calma que ainda não acabou! No próximo episódio, você vai acompanhar que nem tudo são flores, e eu vou te mostrar os principais desafios de ser artista de circo no Brasil! Te vejo lá! Tchau, tchau.
--	---

APÊNDICE K - ROTEIRO DO EPISÓDIO 4 - QUAIS SÃO OS DESAFIOS DE SER ARTISTA CIRCENSE NO BRASIL?

No quarto e último episódio da série “Por trás do picadeiro”, busquei caminhar pelas dores daqueles que vivem e trabalham no circo. É o momento de entender os desafios, as dificuldades e os perrengues de ter uma vida nômade.

Roteiro do Episódio 4 - Quais são os desafios de ser artista circense no Brasil? Por trás do picadeiro	
SONORA 1 Cleibe Portugal, dono do Circo Real Português, retrata o que já teve que escutar sendo dono de circo	Cleibe Portugal: Não, o circo não é cultura não. Circo só vem, trabalha, leva o dinheiro do povo e se manda!
SONORA 2 Cleibe Portugal, dono do Circo Real Português, retrata o que já teve que escutar sendo dono de circo	Cleibe Portugal: Então o senhor tá proibindo do circo entrar? Exatamente! Eu não quero!
ABRE Vinheta de abertura	Sad to Inspiring
LOC O apresentador André contextualiza sobre os desafios e dificuldades que os artistas de circo sofrem diariamente	André Martins: Apesar de ser uma arte milenar, o circo ainda enfrenta diariamente uma série de desafios, como você acabou de escutar nas falas. Essas dificuldades testam o amor e a disposição de artistas circenses ao refletir se realmente vale a pena manter a

	cultura do circo viva. No episódio de hoje, vamos acompanhar os obstáculos de viver e trabalhar num circo.
LOC André convida alguns participantes do Circo Real Português para falar sobre as principais dificuldades em trabalhar e viver numa vida itinerante	André Martins: Enfrentando problemas desde a montagem da estrutura do circo até à falta de apoio das prefeituras, a vida de quem mora no picadeiro é movimentada por sentimentos muito diversos. Apego, indignação, descaso são apenas algumas das emoções que essas pessoas sentem diariamente, por exemplo. Dentro do circo, suas maiores dificuldades se concentram no momento de mudança entre as cidades, onde o lado emocional dos artistas são diretamente afetados. Dependendo do local, eles se apegam ao carinho do público e é difícil dizer adeus. Inclusive, para o DJ do Circo Real Português, Elinaldo Conceição, partir para outro destino após simpatizar com determinada cidade é o seu único problema.
SONORA 3 Elinaldo, DJ do Circo Real Português, fala sobre a partida para novos destinos após se apegar à lugares e pessoas	Elinaldo Conceição: O ruim é só quando você chega em um lugar, se apegar àquele lugar e tem que ir embora.
LOC O apresentador, André, convida outros integrantes do circo a relatarem as maiores dificuldades que eles sentem vivendo e trabalhando no circo	André Martins: No entanto, outros integrantes da família Portugal afirmam que o sufoco da mudança vem, na verdade, de situações com o governo muito mais sérias. Além do cansaço físico de desmontar a estrutura do circo, o cansaço também passa a ser mental. As peças são pesadas, a lona é muito grande, as fantasias devem ser guardadas com cuidado no caminhão, mas as prefeituras também não colaboram para esse processo ser mais fácil. É muito comum que o governo demore para fornecer condições básicas, como água e luz, para os trailers do circo após chegarem em uma nova cidade, por exemplo. Letycia Portugal nasceu no Circo Real Português e hoje trabalha se apresentando com bambolês. Mas desde sempre teve que lidar com a dificuldade da mudança e o atraso das prefeituras no fornecimento de água e luz para os trailers.

SONORA 4 Letycia, bailarina do Circo Real Português, conta sobre a falta de água e energia nos trailers	Letycia Portugal: A mudança é muito complicada, porque a gente muda, aí a gente fica uns dois dias sem luz, três dias sem água. Já chegou a passar que gente estreou o circo e estava sem água, então acho que essa é a dificuldade maior.
LOC André comenta sobre o processo burocrático com o alvará de liberação das prefeituras para a entrada do circo nas cidades	André Martins: Mas ficar sem água e energia é até tranquilo quando já instalados numa nova cidade. A prefeitura do local já assinou o alvará de liberação e aceitou a entrada do circo na cidade como modalidade de entretenimento para o povo. e isso nem sempre acontece! André Martins: Tem cidades que não aceitam a entrada do circo e chegam até a proibir. A Secretaria de Cultura do local não reconhece o circo como uma cultura que leva diversão e alegria pro público. A acrobata Juliana Portugal, que trabalha no Circo Real Português, desabafa dizendo que o artista de circo não é tratado como artista, e muito menos como cultura. Ela afirma que frequentemente é barrada por cidades que veem o circo somente como uma ferramenta de tirar dinheiro da população.
SONORA 5 Juliana Portugal, herdeira do Circo Real Português, relata experiências de preconceito por parte da prefeitura de diferentes cidades do Brasil	Juliana Portugal: Tem cidades que eles nem aceitam, tem cidades que chegam a proibir que um circo entre, tem prefeito que fala “eu não quero circo aqui porque vai levar o dinheiro da cidade”... e é simplesmente assim! Você é tratado nesse nível! Você não é tratado como artista, como alguém que tá levando cultura para a sua cidade, e em muitos locais a gente sofre muito preconceito. Então, ser artista circense hoje em dia é porque você ama ser artista circense.
LOC O apresentador explica as diferenças de incentivo entre os meios de entretenimento no Brasil	André Martins: Há também diversos segmentos da cultura, como cinema e teatro, que recebem incentivos governamentais de produção, e são isentos de taxas para colocar ao ar uma programação de entretenimento. Mas para o circo, não funciona tão bem assim. A trapezista Joice Portugal, além de se apresentar nos palcos, é responsável também pelo contato com as

	prefeituras e os documentos necessários para a instalação do circo numa cidade. Ela já buscou instituições que promovam e apoiem programas culturais para crianças e adolescentes, como o Instituto da Infância, para ter uma maior garantia de atuação do circo, mas não teve sucesso. Ela explica que mesmo se juntando à colegas de outros circos para se estabelecerem no Instituto da Infância como opção de cultura, o circo ainda é pouco valorizado e reconhecido como patrimônio cultural.
SONORA 6 Joice Portugal sentiu na pele as batalhas para um maior reconhecimento do circo como modalidade digna de valorização	Joice Portugal: Aqui no Brasil o circo é pouco valorizado! A gente batalha muito pra ser reconhecido, a gente corre atrás, a gente tenta. A gente deu entrada com um grupo de colegas no IFAN pra tentar o reconhecimento, para que o circo fosse reconhecido como patrimônio, mas a gente tem uma dificuldade muito grande.
LOC O apresentador convida artistas circenses para falar sobre a invisibilização do circo frente à outros veículos de entretenimento, como o cinema e teatro, por exemplo	André Martins: A acrobata Juliana Portugal, irmã de Joice, reforça a falta de apoio e reconhecimento que o circo sofre dentro da sociedade. Diferentemente dos atores de cinema e teatro, o circo sempre é ignorado quando diz respeito aos trabalhos artísticos. Na hora de buscar uma opção de lazer, as telas de cinema e as cadeiras de teatro são as primeiras a serem ocupadas, e não as arquibancadas de um circo. Ela ainda brinca que o circo é tão desconsiderado como ferramenta de entretenimento que nem nos decretos governamentais eles se encontram.
SONORA 7 Juliana, herdeira do Circo Real Português, desabafa sobre a falta de apoio e reconhecimento que os artistas de circo sofrem	Juliana Portugal: Eu acho que a falta de apoio e reconhecimento, porque existe os atores, existe o teatro, existe cinema, mas o circo é sempre esquecido. A gente brinca que até nos decretos, na hora de proibir pra gente trabalhar, a gente não tava lá.
LOC André explica sobre a necessidade de diferentes profissionais para tornar o circo um ambiente seguro e correto para trabalho	André Martins: E quando um circo tem sucesso na entrada de uma cidade, não é fácil levantar a estrutura do picadeiro. É preciso limpar o terreno, planificar o chão, desmontar os caminhões, encaixar as estruturas e muita força para colocar de pé a

	tradicional lona que nós conhecemos. E além dos documentos de alvará, o circo deve ter também o acompanhamento de profissionais, como engenheiros, que possibilitem uma instalação segura. A trapezista Joice Portugal, que lida com a parte burocrática do Circo Real Português, volta a explicar que é necessária a ajuda do governo para acomodar toda a estrutura de um circo de lona. E muitas pessoas mal sabem disso.
SONORA 8 Joice, responsável pela parte jurídica do Circo Real Português, comenta sobre o processo de instalação do circo numa cidade	Joice Portugal: Às vezes, as pessoas não sabem o quanto é burocrático para um circo se instalar numa cidade. A gente chega, a gente precisa de engenheiros, a gente precisa de vistoria... a gente paga todas as taxas, não temos isenção de nada.
LOC Em comparação à realidade de outros países, André explica as diferenças de ser artista no Brasil e na Europa	André Martins: Na questão de apoio do governo para com o circo, os países europeus dão um show! Enquanto no Brasil os artistas circenses lutam para estar nas cidades, a Europa oferece diversas iniciativas que facilitam e ajudam a instalação de diferentes circos em seu território. A acrobata Juliana Portugal, de 34 anos, tem uma larga trajetória como artista circense, dentro e fora do Brasil. Ela já percorreu países europeus, como Portugal, com o Circo Real Português e enxerga com clareza a diferença entre trabalhar no Brasil e na Europa. O governo europeu destina espaços específicos para o circo e oferece todas as garantias necessárias para morar nesses terrenos o quanto antes, como água e luz. Enquanto no Brasil, há atrasos e dores de cabeça com a demora do governo para fornecer o básico, como a energia nos trailers.
SONORA 9 Juliana comenta sobre o quanto o investimento para circo no Brasil é precário, quando comparado com a Europa, por exemplo	Juliana Portugal: Você tem poucas áreas que são legais pra arrumar o circo, porque ninguém determina locais próprios para isso, e isso não acontece lá fora. Na Europa, os terrenos são destinados ao circo, são terrenos acimentados, com pontos de água e luz já instalados. É muito diferente! Aqui não. Você tem um trabalho enorme de dias e dias pedindo uma ligação provisória de água

	e luz, os valores são absurdos e você tem que pagar porque você vai ficar sem água?! Às vezes, você chega e fica uma semana sem água pra poder ter água, então é muito difícil!
LOC O tema “segurança” passa a ser assunto entre os personagens e o apresentador ressaltava os altos índices de violência que existem no Brasil	André Martins: Além da falta de estrutura para circos no Brasil, a segurança é precária para o povo brasileiro, e principalmente para quem mora onde não há muros, como no circo. Deve-se lembrar também que os índices de violência por aqui são bem maiores do que na Europa. A partir do momento que no Brasil os terrenos destinados aos artistas circenses não tem cercas que impeçam ver o interior do picadeiro, o circo se torna facilmente visado e consequentemente alvo de assaltos e invasões. Ou seja, a segurança dessas pessoas se torna ainda mais debilitada! Quando o Circo Real Português estava localizado em Ceilândia, cidade satélite de Brasília, a contorcionista Iasmin Portugal, de apenas 13 anos, sentiu medo. Ela relembra que já houve tentativas de invasão ao circo e que os carros estacionados dentro do terreno, utilizados para a divulgação dos espetáculos, atraíam ladrões.
SONORA 10 Iasmin, artista circense de apenas 13 anos, relembra momentos de tensão onde ladrões tentaram invadir o circo	Iasmin Portugal: Às vezes é perigoso, os ladrões... aqui em Ceilândia, já tentaram entrar aqui duas vezes, então é bastante perigoso. Tem muita coisa a mostra que eles veem, os carros... e eles ficam “manjando” e aí geralmente eles tentam entrar.
LOC André ressaltava a hipervalorização de artistas circenses na Europa e a constante procura por eles	André Martins: Enquanto os artistas no Brasil enfrentam a violência e a falta de apoio do governo, o investimento da Europa na arte circense é tão grande que eles lutam diariamente para que os espetáculos nunca acabem. Por mais que haja crises entre os artistas, desistências e abandonos para viver uma vida tradicional “de cidade”, a Europa permanece em busca constante de pessoas dispostas a trabalhar nos picadeiros de diferentes cidades europeias. Cleibe Portugal tem 78 anos, é dono do Circo Real Português, e já vivenciou a saída de muita gente do circo. Ele defende que alguns

	artistas começam a achar a vida circense muito sacrificada e passam a questionar se realmente vale a pena continuar, ou se é melhor se formar em uma faculdade e ter uma moradia fixa, tal como a maioria das pessoas. E aqueles que não desistem aqui no Brasil, a Europa convida a trabalhar em seu continente em condições mais salubres e confortáveis de moradia, oferecendo terrenos acimentados próprios para circo, por exemplo. Essas contratações estrangeiras diminuem ainda mais o número de artistas circenses no Brasil.
SONORA 11 Cleibe comenta sobre o alto índice de evasão de artistas brasileiros para tentar uma vida melhor em outros países	Cleibe Portugal: Principalmente quem anda aqui no Brasil... acabou os artistas daquela época, não existe mais, e quando existe, os circos lá de fora contratam e levam pra lá, porque eles também estão em crise, porque todo mundo tá abandonando o circo. Todo mundo quer se formar, ter um lugar pra ficar... eles começam a sentir que o circo é uma vida muito sacrificada pra você manter isso. “Ah, mas você tá andando, tá se divertindo, conhecendo cidades”, não, mas aquilo é profissão nossa! Não é diversão pra nós! Quando a gente quer se divertir, a gente vai no cinema, a gente vai pra qualquer outro lugar que é completamente diferente.
LOC O entrevistador começa a abordar a falta de divulgação de circos pela mídia brasileira e a atenção precária para com essa modalidade artística	André Martins: Atualmente, o apoio e incentivo do governo brasileiro às práticas circenses é pequeno, comparado com outros lugares do mundo. As secretarias de cultura do Brasil mal aceitam a entrada dos circos na cidade, enquanto na Europa o governo paga para que o circo trabalhe. André Martins: A divulgação da chegada dos circos nas cidades, por exemplo, parte apenas dos próprios integrantes da trupe, e cabe à eles mostrar que ainda estão presentes na sociedade. A falta de apoio com os circos se dá no próprio sistema de mídia do país, como afirma a estudante de contabilidade e atual moradora do Circo Real Português, Isabella Moreira. Ela não vê a presença de circos nos veículos de comunicação brasileiros. Para ela, isso é

	sinal de desvalorização.
SONORA 12 A integrante do Circo Real Português, Isabella Moreira, afirma que há falta de divulgação e propaganda do circo nos meios de comunicação brasileiros	Isabella Moreira: Eu acho que falta um pouco do incentivo do governo, aqui parte mais do circo mesmo. Não vejo nem falando de circo em televisão, no jornal, em documentários, então acho que falta.
LOC O entrevistador convida Juliana Portugal para falar sobre a desvalorização da arte circense pelos próprios cidadãos comuns	André Martins: Para a acrobata Juliana Portugal, a desvalorização da arte circense é promovida, além do governo, pelas próprias pessoas. Por mais que haja públicos receptivos, carinhosos e dispostos a levar os filhos a mergulhar numa experiência de dança, performance e acrobacias, como é no circo, há aqueles que também buscam qualquer motivo para reclamar. Muitos, inclusive, desvalorizam o preço das apresentações e acreditam não ser digno do valor.
SONORA 13 Juliana Portugal, artista do Circo Real Português, explica a falta de apoio das pessoas para com a arte circense	Juliana Portugal: Tem muita gente que tem um carinho enorme, que ama o circo, mas tem muita gente que não... tem gente que olha e fala “Nossa! Dez reais um ingresso de circo? Tinha que ser um real!”, e coloca seu trabalho no chão. Hoje em dia, você tem que ter uma mente, uma cabeça muito boa, pra conseguir ainda levar nas dificuldades.
LOC O apresentador relembra que o circo teve que se adaptar por conta de drásticas mudanças realizadas durante seus anos de existência, como por exemplo, a extinção de animais nos espetáculos	André Martins: E a desvalorização do governo e das pessoas com o circo não é o único desafio que os artistas circenses enfrentam dia após dia! Nos últimos 2500 anos que o circo existe, tiveram várias mudanças nos espetáculos que foram verdadeiros obstáculos para a reestruturação das apresentações. Uma delas foi a proibição do uso de animais como atração nos números apresentados no picadeiro. Os animais eram o que mais atraía as crianças da época, já que os elefantes surpreendiam o público pelo tamanho, os macacos pela inteligência e o leão, o rei da floresta, trazia a magia da selva para dentro do circo. A acrobata Juliana Portugal explica que os bichos eram um verdadeiro sucesso e a sua proibição colocou em xeque a existência do circo. O Circo Real Português, onde Juliana

	mora e trabalha, teve que investir em outros atrativos para suprir a falta dos animais e ainda continuar despertando o interesse de crianças para as apresentações! Foi um momento de diminuição do público e a introdução de novas atrações. Uma das estratégias foi adicionar personagens de filmes e desenhos que a criançada gosta para cativá-los a ir aos espetáculos de circo.
SONORA 14 Juliana Portugal explica as consequência do circo com a saída dos animais e as alternativas que utilizaram para contornar a situação	Juliana Portugal: A gente teve uma queda muito grande com a saída dos animais, porque as crianças vinham ao circo para ver os animais, e quando tirou os animais “O que que eu vou ver no circo?”. E aí você acaba colocando um Homem Aranha, um Baby Shark, pra poder atrair as crianças até aqui... e trazendo atrações diferenciadas. Os animais não podem mais? Então, vamos trazer animais mecânicos, vamos trazer dinossauros que não são de verdade, mas que são lúdicos para as crianças verem.
LOC André contextualiza a história do circo abordando a importância da tecnologia no desenvolvimento de novas atrações e aparatos mais atrativos	André Martins: O surgimento das novas atrações do circo se deu a partir da tecnologia, que foi fator crucial para a introdução de luzes mais modernas e lonas com tecido mais resistentes. Além disso, hoje a tecnologia também possibilita a utilização de fantasias mecânicas que imitam personagens de desenhos, filmes, ou até animais, de uma maneira bastante realista. O Circo Real Português, por exemplo, conta com diversas fantasias que encantam a criançada, como o Homem Aranha, o Baby Shark e o Dinossauro T-rex. Mas como nem tudo são flores, essa mesma tecnologia fez com que as redes sociais e os jogos online desviassem a atenção de crianças e adolescentes apenas para a diversão nos tablets e videogames, e deixassem de frequentar as antigas opções de entretenimento, como o circo. André Martins: A trapezista Joice Portugal, de 37 anos, relembra sua época de criança quando um circo chegava na cidade. O que antes era motivo de alegria e curiosidade, hoje em dia há uma constante luta para prender a atenção daqueles que

	ainda vão ao picadeiro. A internet, juntamente com o desinteresse dos pais, dá medo na trapezista para um possível fim da tradição circense.
SONORA 15 Joice Portugal explica as diferenças de apreço do circo entre o público de antigamente e o de hoje em dia	Joice Portugal: Quando eu era criança, o circo chegava na cidade, era uma festa, era uma alegria! Dez minutos que o circo estava no local, parece que a cidade inteira estava sabendo. E começava a chegar carro, criança, e aquela área começava a lotar de gente. Todo mundo querendo olhar e saber que dia começa. E a internet, a televisão, os jogos online, distanciou bastante as crianças. A gente tem uma batalha diária pra conseguir prender a atenção delas no espetáculo, pra conseguir fazer com que os pais tragam os filhos ao circo, para que não perca essa tradição.
LOC André convida outros participantes do circo para opinar sobre a influência da tecnologia no funcionamento do picadeiro	André Martins: A irmã de Joice, Juliana Portugal, também moradora do circo, confirma a perda de espaço que o circo sofreu com o surgimento das novas tecnologias nos últimos anos.
SONORA 16 Juliana Portugal analisa as consequências que o surgimento das novas tecnologias trouxeram ao circo	Juliana Portugal: É nítido o quanto foi crescendo os outros meios, as mídias, as redes sociais, e quanto o circo foi diminuindo, perdendo espaço.
LOC O apresentador relembra como as apresentações de circo eram muito mais cheias antigamente	André Martins: Há uma década atrás, além de receber um maior número de pessoas, os circos também contavam com terrenos mais espaçosos que acomodavam um público maior. A acrobata Juliana Portugal relembra que há dez anos atrás eles eram acostumados a abrir seis sessões de apresentação em um único dia, com lotação máxima de 2000 pessoas. Hoje em dia, a estrutura do circo diminuiu e a quantidade de sessões reduziu pela metade. Afinal, mal tem público para tanta apresentação.
SONORA 17 Juliana Portugal relembra a dinâmica, a infraestrutura e a programação de	Juliana Portugal: O circo há dez anos atrás podia abrir cinco sessões num domingo, cinco ou seis, às vezes seis, porque tinha público para essas seis sessões e você era

espetáculo para atender toda a demanda de público necessária anos atrás	obrigada a abrir essas seis sessões porque se não, você não conseguiria atender todo mundo. E a capacidade dos circos antigamente eram muito maiores, porque os terrenos eram maiores. Então, às vezes cabia 2000 pessoas no circo. Hoje em dia você faz duas ou três sessões num final de semana e nem lota as três. E a sua capacidade reduziu pela metade, então isso é um ponto negativo.
LOC O locutor introduz Isabella Moreira, moradora do Circo Real Português. Ela defende a resistência do circo nos dias atuais e diz que o lugar do picadeiro ainda é reservado diante dos diferentes meios de entretenimento	André Martins: Isabella Moreira, que trabalha há quase dois anos no Circo Real Português vendendo fotos e ingressos, ainda acredita que o circo tem seu espaço como modalidade artística e cultural na sociedade. Ela defende que as apresentações circenses ainda não foram substituídas completamente pelos entretenimentos digitais, como videogame e celular. Mas mesmo assim, confirma que a ocupação das cadeiras da plateia não está acontecendo como antigamente, em função do aumento de pessoas em casa conectadas à internet nos dias de hoje.
SONORA 18 Isabella Moreira explica a presença do circo nos dias atuais, mas entende a influência da tecnologia e das novas modalidades de diversão	Isabella Moreira: Eu acho que tem seu lugar ainda. Mas no jeito que a internet está, a evolução, a tecnologia, as pessoas preferem ficar mais em casa no celular do que vir no circo. Eles veem muito mais o lado seu de ficar na internet do que a cultura.
LOC Juliana, responsável pelo marketing do Circo Real Português, comemora o surgimento das redes sociais e explica que ajuda demais na divulgação dos espetáculos. O locutor, André, tenta entender as principais mudanças que essa tecnologia trouxe para o trabalho dela no picadeiro	André Martins: Mas para quem trabalha com marketing, como é o caso da acrobata Juliana Portugal, que lidera as mídias e propagandas do Circo Real Português, as redes sociais foram super importantes para a divulgação e visibilidade do circo. Apesar da internet afastar crianças e adolescentes de opções presenciais de lazer, como o circo, ela possibilita que as redes sociais aproxime do público que está em casa e compartilhe em primeira mão as novidades do picadeiro. André Martins: Juliana Portugal soube aproveitar a internet e garantir que o circo fosse visto pelas pessoas nas redes sociais,

	por fotos e vídeos. Para ela, é super importante que o circo esteja presente nas mídias digitais para que ele seja lembrado pelas pessoas. Juliana também acompanhou os desenhos de televisão com maior destaque entre as crianças, com o objetivo de introduzir no circo personagens que eles gostassem. Ou seja, utilizou da tecnologia para driblar os desafios do distanciamento com o público e desenvolver estratégias para atraí-los.
SONORA 19 Juliana Portugal comenta o processo de adaptação que o circo teve que passar para se adequar às novas tecnologias	Juliana Portugal: Você tem que tentar se adaptar em algumas áreas. Você tem que tentar entrar nisso para que a criança tenha interesse em voltar ao circo e vir ao circo também. O circo não pode ficar parado sem estar na rede, você tem que tá sendo visto ali na internet, tem que tá presente ali para que as pessoas sejam lembradas. E trazer atrações para as crianças também, porque é um modo de você atrair elas até aqui. Quando elas vêm por causa de um personagem, elas acabam vindo ao circo e se encantando e vindo sempre.
LOC O apresentador ressalta a introdução de novos aparatos tecnológicos ao circo, mas relembra a simplicidade que a tradição circense também procura manter	André Martins: Por mais que a tecnologia esteja presente nas luzes, no som do espetáculo e nas propagandas do circo, para a maioria dos artistas circenses as novidades tecnológicas não irão superar a simplicidade de onde o circo surgiu. Não importa o jogo de luz mais diferenciado do mercado, se a tradição do teatro e da performance caricata presente no circo não for mantida. Para eles, a tecnologia vai permanecer trazendo inovações e aparatos técnicos que aperfeiçoem os espetáculos, mas que o circo nunca vai deixar de ter as piadas do palhaço, os familiares se apresentando juntos e a magia da diversão. Isabella Moreira, moradora do Circo Real Português, confirma isso.
SONORA 20 Isabella Moreira explica as inovações que a tecnologia pode trazer ao circo	Isabella Moreira: Eu acho que vai continuar do mesmo jeito, vai vim a tradição do mesmo jeito. Vai mudar pelas tecnologias o formato, o desenho, as luzes, o picadeiro, mas o jeito que é o circo não, a tradição do circo não.

LOC O apresentador aborda o momento de pandemia da Covid-19 e as dificuldades que os artistas sofreram durante esse período	André Martins: O circo tem uma boa capacidade de superar as dificuldades, e um bom exemplo disso foi a pandemia da Covid-19. Para quem trabalha com o público e depende da participação presencial de diferentes pessoas para garantir sua renda, esse período foi palco de dúvidas, angústias e incertezas. Pelas primeiras vezes, artistas de circo pensaram em voltar para a cidade em busca de garantia de vida, como é o caso da acrobata Juliana Portugal. Mas mesmo assim, em meio aos inúmeros pensamentos, Juliana tirou do amor pelo circo forças para lutar durante esse momento de insegurança.
SONORA 21 Juliana Portugal explica que o amor pelo circo foi um dos motivos que a fez superar as dificuldades durante a pandemia	Juliana Portugal: Na pandemia que a gente viu o tanto que a gente gosta de circo mesmo, porque a gente tinha a opção de tentar sair para arrumar outro emprego, mas aí que você teve mais força pra lutar pra que isso não acabasse.
LOC Diante de um cenário pandêmico, o apresentador explica como funciona a reserva financeira dos artistas do Circo Real Português	André Martins: O circo não possui uma reserva de dinheiro extra que consiga sustentar financeiramente por meses a vida das famílias circenses. Durante a suspensão das atividades do circo na pandemia, como não haviam apresentações, não havia dinheiro, e muito menos um caixa para essa emergência. A acrobata Juliana Portugal explica que o circo não possui mais público suficiente para levantar uma renda que pague os gastos e ainda sobre para possíveis imprevistos, como a pandemia.
SONORA 22 Juliana Portugal explica como funciona a dinâmica do caixa financeiro do circo	Juliana Portugal: O circo não consegue ter um caixa, porque você não tem um público suficiente pra conseguir guardar dinheiro. Você tem um gasto pra se instalar num local, que às vezes você tem que passar duas semanas trabalhando pra pagar o gasto daquele e mais duas semanas trabalhando pra pagar o gasto da próxima. E às vezes você já entra lá devendo e tem que trabalhar. Então no circo, o artista circense não consegue ter um fundo para emergências desse porte, como a pandemia.

LOC André explica como os artistas do Circo Real Português tiveram que se desdobrar para garantir o sustento de cada dia e demonstra as alternativas que eles optaram para gerar renda	André Martins: Então como os mais de 2000 circos presentes no Brasil sobreviveram a essa época? No Circo Real Português, eles passaram a arrecadar uma graninha vendendo produtos que já eram acostumados a vender no próprio circo, como pipoca e algodão-doce, mas agora nas ruas e por <i>delivery</i>. Também começaram a produzir e vender máscaras de proteção contra o vírus da Covid-19. E com o distanciamento social, a acrobata Juliana Portugal explica que também transformaram a estrutura física do circo para receber o público, mesmo que distante. Tiraram as cadeiras da plateia, desmontaram a entrada do circo, e dividiram vagas de estacionamento para cada família assistir o espetáculo dentro do seu próprio carro, em uma espécie de “drive-in”. Além das apresentações tradicionais, o surgimento dos aniversários “drive-in” também foram uma das ideias desenvolvidas pelos artistas para conseguir manter o circo vivo.
SONORA 23 A acrobata Juliana Portugal explica como o circo trabalhou durante a pandemia da Covid-19	Juliana Portugal: A gente teve que ir pras ruas vender os produtos que a gente tinha no circo. Você fazia algodão, pipoca doce, maçã do amor... e passava com o carro de som vendendo. A gente fazia máscara, a gente vendia também. A gente foi pra todas as outras coisas que a gente podia naquele momento. A gente fez aniversários drive-in... como não tinha festas de aniversário, estava proibido pela aglomeração, as festas em drive-in podiam, porque os convidados ficavam no carro, assistiam o espetáculo e cantavam o parabéns ali em cima do palco.
LOC Além do prejuízo financeiro, o apresentador expõe os problemas mentais e físicos que os artistas circenses tiveram que enfrentar durante a pandemia da Covid-19	André Martins: E nem só sequelas financeiras os artistas circenses tiveram durante a pandemia da Covid-19. Meses sem se apresentar, a impossibilidade de receber o público, a falta dos aplausos, tudo isso refletiu na saúde mental e física de quem mora no circo. A acrobata Juliana Portugal explica que além do prejuízo com a lona, que desgastou com tanto tempo parada em uma única cidade, os artistas também sofreram danos, com as lesões no corpo.

	Quem participava das apresentações nunca havia ficado tanto tempo fora dos palcos, como ficou durante a pandemia. De acordo com ela, ninguém voltou à preparação física que tinha há três anos atrás, e as consequências de ficar tanto tempo parado são percebidas até hoje.
SONORA 24 Juliana Portugal comenta sobre perdas de materiais e a dificuldade do corpo voltar ao normal após longos meses parados	Juliana Portugal: A gente ainda tá tentando recuperar o material perdido da pandemia. A gente ficou um ano parado no local: chuva, sol, chuva, sol... e até a gente! Eu falo que ninguém ainda voltou ao físico que a gente tinha antes, porque nunca ninguém ficou tanto tempo sem trabalhar. Mesmo que você venha e ensaie, não é a mesma coisa que um espetáculo! Ninguém voltou pra sua preparação física que teve. E quando a gente voltou, a gente voltou com mais lesões. Pelo tempo a gente sente mais as costas, as pernas...
LOC André Martins retoma as principais ideias abordadas no episódio e conclui o podcast trazendo reflexões sobre os desafios e anseios de morar no circo	André Martins: Seja pelas viagens, pelo amor à arte, pela possibilidade de conhecer diferentes pessoas e culturas... são várias as razões para que artistas circenses permaneçam vivendo e trabalhando no circo! Porém, no episódio de hoje, acompanhamos que juntamente com as várias experiências divertidas e engrandecedoras de viagens que artistas circenses vivem, vem uma lista de desafios que só quem mora no circo enfrenta! A série “Por trás do picadeiro” buscou mergulhar nas vivências de quem trabalha no circo. Tentamos entender os motivos que os fazem permanecer numa rotina itinerante e nessa vida nada convencional. Apresentamos como eles realizam suas tarefas diárias e passam por cima das dificuldades da desvalorização do circo pelo Brasil e pelas pessoas. Espero que você tenha conhecido, se aprofundado e ter permitido se sentir tocado pelas histórias dos diferentes artistas do Circo Real Português durante esses quatro episódios. Eu fico por aqui, com a pipoca na mão e o sorriso no rosto, com o orgulho de ter esclarecido e dado destaque a pessoas tão talentosas, mas às vezes tão poucas conhecidas. Na próxima te encontro

	na arquibancada do picadeiro! Até mais! Tchau, tchau.
--	--